



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LUIZ GUSTAVO COSSARI

**CEM MIL MARMITAS DE GELO: UMA NARRATIVA
SOBRE O CORPO ALPINO ITALIANO NA CAMPANHA
DE STALINGRADO (1942 -1943)**

Londrina
2016

LUIZ GUSTAVO COSSARI

**CEM MIL MARMITAS DE GELO: UMA NARRATIVA
SOBRE O CORPO ALPINO ITALIANO NA CAMPANHA
DE STALINGRADO (1942 -1943+**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História Social, Área de Concentração em Territórios do Político.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sylvia Ewel Lenz

Londrina
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Cossari, Luiz Gustavo .

Cem mil marmidas de gelo : uma narrativa sobre o Corpo Alpino Italiano na Campanha de Stalingrado (1942-1943) / Luiz Gustavo Cossari. - Londrina, 2016.
103 f. : il.

Orientador: Sylvia Ewel Lenz.

dissertação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2016.

Inclui bibliografia.

1. Segunda Guerra Mundial - Teses. 2. Narrativas pessoais italianas - Teses. 3. Batalha de Stalingrado - Teses. I. Lenz, Sylvia Ewel . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

LUIZ GUSTAVO COSSARI

**CEM MIL MARMITAS DE GELO: UMA NARRATIVA SOBRE O
CORPO ALPINO ITALIANO NA CAMPANHA DE STALINGRADO
(1942 -1943)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História Social, Área de Concentração em Territórios do Político.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. Sylvia Ewel Lenz
Univesidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dra. Érica Sarmiento da Silva
Univesidade Estadual do Rio de Janeiro -
UERJ

Prof. Dr. Francisco César Alves Ferraz
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 01 de julho de 2016.

COSSARI, Luiz Gustavo. **Cem mil marmitas de gelo**: uma narrativa sobre o Corpo Alpino Italiano na campanha de Stalingrado (1942–1943). 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a narrativa de Giulio Bedeschi sobre a participação do Corpo Alpino Italiano na Campanha de Stalingrado, em 1942-1943, a partir do livro *Cem mil marmitas de gelo*. Entendemos o escrito do oficial-médico como uma peça de memória do soldado comum, com presença de elementos caros à História Social, como o cotidiano de sobrevivência e sofrimento, traumas e situações inimigas do corpo e da vida daqueles que tomaram parte nos eventos durante aqueles meses nas estepes. A análise e contextualização dos elementos deste processo histórico nos possibilita conhecer melhor esta reminiscência de um dos momentos mais destrutivos da História da humanidade.

Palavras-chave: Memória. Segunda Guerra Mundial. Itália. Cotidiano. Testemunho.

COSSARI, Luiz Gustavo. **Centomila gavette di ghiaccio**: a narrative about the Italian Alpine Corps in the Stalingrad Campaign (1942 – 1943). 2016. 103p. Dissertation (Master's degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ABSTRACT

This research aims to analyze the narrative of Giulio Bedeschi on the participation of the Italian Alpine Corps in the Stalingrad Campaign in 1942-1943, from the book *Centomila gavette di ghiaccio*. We understand the work by the medical officer as a piece of ordinary soldier's memory, with the presence of important elements of Social History, as the survival routine of suffering, trauma and situations which are enemies of the body and life of those who were part of those months in the steppes. The analysis and contextualization of the elements of this historical process enables us to better know this reminiscent of one of the most destructive moments in human history.

Keywords: Memory. Second World War. Italy. Quotidian. Testimony.

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM N. 1 -	“A coluna em retirada, mostrada aqui perto de Nikitovka; logo se engajariam na lendária Batalha de Nikolajewka, 26 janeiro de 1943.” 13
IMAGEM N. 2 -	O canhão de montanha de 75mm. dos alpinos. Era desmontável e transportado por mulas..... 22
IMAGEM N. 3 -	Mapa mostra o assalto soviético no setor do Don e o deslocamento da Divisão <i>Julia</i> , para cobrir o rombo no frente, combateu no meio da estepe, longe dos abrigos..... 61
IMAGEM N. 4 -	Carregamento das mulas da <i>Julia</i> em caminhões, para cumprir mais rápido o traslado até a brecha na linha de frente. 62
IMAGEM N. 5 -	Capa da edição brasileira do livro Cem mil marmidas de gelo, de Giulio Bedeschi, pela editora Flamboyant, 1968. 91
IMAGEM N. 6 -	Contracapa da edição brasileira de 1968. Traz dados inseridos pelo editor, bem como uma minibiografia do autor, traduzida da edição italiana, abaixo..... 92
IMAGEM N. 7 -	Edição italiana da obra. Observa-se dados gerais inseridos pelos editores e também uma minibiografia do autor na contracapa..... 93
IMAGEM N. 8 -	O chapéu de feltro e a pena preta, indumentária de valor indenitário para as tropas alpinas..... 93
IMAGENS N. 9 e 10 -	Atravessando a Europa Oriental em um trem de carga; Camponeses da região do rio Don..... 94
IMAGENS N. 11 e 12 -	O setor inicialmente guarnecido pela <i>Julia</i> durante o verão e outono de 1942; as

	margens do Don, onde os homens construíram abrigos estruturados, que não chegaram a utilizar durante o inverno, pois a divisão foi transferida para planície aberta em Ivanowka.	95
IMAGENS N. 13, 14, e 15-	Acima: os abrigos estruturados que a <i>Julia</i> construirá durante o outono as margens do Don, ao norte; no centro: as mulas; e abaixo: na planície aberta em Ivanowka, para onde a divisão foi transferida às pressas, em dezembro de 1942.	96
IMAGENS N. 16, 17 e 18 -	Alpinos lutaram na planície; se entrincheiram; e também sofram baixas	97
IMAGENS N. 19, 20 e 21 -	Região de Ivanowka, onde a <i>Julia</i> atuou entrincheirada em valas, as <i>balkas</i> ; e casebres locais, denominadas <i>isbas</i>	98
IMAGENS N. 22 e 23 -	Soldados alemães no setor da <i>Julia</i> , na região de Ivanowka, ainda havia um fronte.....	99
IMAGENS N. 24 e 25 -	A marcha prosseguia e os bloqueios e ataques contínuos também, após uma semana de marcha pela estepe.....	100
IMAGEM N. 26 -	Aqui a coluna em retirada após oito dias de marcha pela planície congelada.	101
IMAGENS N. 27 e 28 -	Alguns feridos conseguiam vagas em trens, onde iam amontoados, outros, exaustos, caíam na neve para sempre.	102
IMAGENS N. 29 e 30 -	O retorno à Itália, após semanas nos trens de carga.....	103

LISTA DE MAPAS

MAPA N. 1 -	Avanço do Eixo em 1941. A leste vê-se o Don, o Volga e Stalingrado, marcos da ofensiva de 1942.	43
MAPA N. 2 -	O avanço do Eixo no leste, em 1942 e a marcha de aproximação dos alpinos até a frente e a disposição do fronte do Don.....	58
MAPA N. 3 -	Mapa mostra o assalto soviético no setor do Don e o deslocamento da Divisão Julia, para cobrir o rombo no fronte, combateu no meio da estepe, longe dos abrigos.....	60
MAPA N. 4 -	Mapa mostra o trajeto da coluna dos cem mil, remanescentes dos Exércitos Romeno, Húngaro, Italiano e Alemão, em retirada desde a frente do Don, rumo a Oeste. Estendeu-se por 700km percorridos, em sua maioria, pelos campos e estepes congeladas. As estradas eram evitadas devido à presença de tanques russos. Encabeçada pelas divisões alpinas, lutaram em onze batalhas para romper as tentativas de cerco do Exército Vermelho, que empregava além dos tanques, aviões e guerrilheiros. A maioria da coluna estava desarmada.	53

LISTA DE QUADROS

Quadro N. 1 - Composição divisionária do Corpo Alpino Italiano	90
---	-----------

SUMÁRIO

Apresentação	10
INTRODUÇÃO	13
CAP. 1 - HISTORIOGRAFIA, MEMÓRIA E TESTEMUNHO	22
1.1 História social e cotidiano dos soldados	23
1.2 Memória e testemunho.....	27
1.3 Testemunho e historiografia.....	34
1.4 Encaixe, contextualização e micro-história.....	38
CAP. 2 - MACRO-HISTÓRIA: GUERRA, ESTRATÉGIA E POLÍTICA	42
2.1 A Guerra do Eixo em 1942 e o Pacto de Aço.	42
2.2 Análise ontológica da guerra: os conflitos e a sociedade.....	48
CAP. 3 - O FRONTE ALPINO	57
3.1 A trajetória até o Rio Don	57
3.2 O Combate	59
3.3 A marcha de retirada.....	64
3.4 Captura, marchas da morte e campos de <i>POWs</i>	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
FONTE	82
REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS	82
ANEXOS	89

Apresentação:

A trajetória para realizar esta pesquisa começou com o levantamento bibliográfico e a leitura dos textos selecionados para o curso. Além das discussões em classe que foram de grande valia no que concerne ao exercício de pensar o objeto da pesquisa: Os relatos memoriais de sobreviventes do Corpo de Exército Alpino Italiano¹ na Rússia durante a invasão da União Soviética pelas forças do Eixo no decorrer da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente, entre 1942 e 1943.

O escrito selecionado como fonte para análise narra as experiências cotidianas dos soldados de linha de frente desta tropa de elite montanhesa durante a campanha nas planícies da Ucrânia – URSS, de 1942 a 1943, com objetivo guarnecer as defesas na Frente do Don, ao norte da cidade de Stalingrado, durante o ataque alemão, bem como na posterior contra-ofensiva soviética.

Frisamos que tais contribuições se estendem desde o momento de pensar sobre a produção da fonte; a relação entre o contexto em que fora produzida e publicada no pós-guerra e sua conseguinte recepção pelo público, do seu conteúdo até o impacto da narrativa dessa parte da guerra.

Para tal objetivo, nossa fonte é o escrito memorialístico de autoria do então Oficial Médico Tenente Giulio Bedeschi, sob o título “Cem mil marmittas de gelo”. Escrito entre 1945 e 1946, foi publicado na Itália em 1963 e venceu o Prêmio Bancarella de literatura, em 1964. Foi publicado no Brasil em 1968 pela Editora Flamboyant, como parte da coleção “A história que vivemos”.

Em 2011, a editora italiana Mursia anunciou que o livro contabilizou quatro milhões e meio de cópias vendidas em quarenta edições em vários idiomas. Vale ressaltar o valor das memórias de um médico em relação ao tema do sofrimento fisiológico aqui abordado além de que, pela sua função e pela

¹ Considerada uma força de elite dentro do Exército Italiano, guardiãs das únicas fronteiras territoriais do país, os membros das divisões alpinas eram portadores de “sentimentos de solidariedade e orgulho, que deram às unidades coesão e ajudaram a forjar a sua reputação de combatentes magníficos”. (HAMILTON, 2011, p.29).

desmobilização organizativa das tropas em retirada, Bedeschi atuou em diversas unidades diferentes em contato com grande número de combatentes, vivenciando a condição de exaustão física e mental.

Os elementos textuais da fonte, incluem, além da narrativa que varia de elementos “macro” ou estratégico-operacional, contendo o ponto de vista e de atuação de oficiais e comandantes. Mas também conta, principalmente, com as experiências do soldado de linha de frente, com suas penúrias cotidianas e situações mortais, narradas por ele mesmo.

No livro, além da narrativa constam registros fotográficos² e geográficos, como os mapas³. Bem como conteúdo específico sobre armamentos e táticas de guerra, em meio relato sobre as agruras de milhares de soldados durante seu calvário nas estepes.

O autor, Giulio Bedeschi, Tenente do Grupo Conegliano, do 3º Regimento de Artilharia Alpina da Divisão *Julia*, veterano da campanha da Grécia (1941), participou de toda campanha na Rússia (1942-1943) como médico do regimento. Ele participou e testemunhou situações marcantes de violência, sofrimento e privações como em 1942, nas marchas de aproximação; e na preparação de agosto a outubro na linha de frente, no combate em campo aberto, de novembro de 1942 a janeiro de 1943. Nos quinze dias seguintes, em onze batalhas travadas durante a retirada combativa pela planície congelada, sem víveres, poucas munições e em abrigos congelantes de até -46°C, sob ataques e bloqueios do Exército Vermelho. Ao menos, logrou escapar ao aprisionamento e aos campos de prisioneiros soviéticos, cativo que para muitos veteranos do Eixo durou até 1955.

Quando do retorno à Itália, serviu nos quadros da República Social Italiana (1943-1945) e, após a guerra, viveu em Milão, e dedicou-se à medicina,

² Tanto na edição brasileira da editora Flamboyant, como na primeira edição italiana da editora Mursia, as fotografias aparecem sem referências; de forma que não é informado se são de autoria de Bedeschi ou se foram inseridas pelo editor. Na edição italiana, as fotografias contêm uma pequena legenda, com uma data e comentários relacionados às imagens, que foram traduzidos e estão presentes na edição brasileira. Igualmente, também, nas duas edições, as páginas dedicadas às fotografias aparecem sem paginação. Vale frisar que nem todos os registros fotográficos contidos na edição italiana constam na edição brasileira.

³ Em ambas as edições, italiana e brasileira, os mapas carecem de referências e escalas, embora estejam paginados e inseridos na parte final da obra.

onde fundou e dirigiu o Centro de Reumatologia. Também escreveu as suas memórias, cerca de uma dezena de livros publicados entre os anos 1960 e 1980 dos quais somente a nossa fonte, *Cem mil marmitas de gelo*, foi publicada no Brasil. Bedeschi narra suas experiências nas frentes de batalha dos Balcãs e na União Soviética, pelas quais recebeu como condecorações a Cruz de Guerra do Valor Militar e a Cruz ao Mérito de Guerra. Em 1990, aos setenta e cinco anos, faleceu em Verona.

INTRODUÇÃO:



IMAGEM N. 1 – “A coluna em retirada, mostrada aqui perto de Nikitovka; logo se engajariam na lendária Batalha de Nikolajewka, 26 janeiro de 1943.” (Fonte: HAMILTON, 2011).⁴

A mais alta aspiração de qualquer escritor, mais de 65 anos depois do fim da guerra, é oferecer uma visão pessoal, mais do que um relato abrangente, dessa que foi a maior e mais terrível de todas as experiências humanas e que jamais deixa de inspirar em seus estudiosos mais modernos uma humildade gratidão por termos sido poupados de qualquer coisa parecida. (HASTINGS, 2013, p. 14)

Atualmente, espera-se do historiador que se dedica a pesquisar a respeito de situações como guerras, conflitos, batalhas e tragédias humanas, uma abordagem mais social do que voltada à grande estratégia, à econômica ou à política. Embora todos estes elementos sejam caros à construção de uma análise completa, lembramos que

[...] por mais que saibamos sobre estruturas sociais de um exército ou unidade militar, é no combate direto, nas ações de seus homens, que os resultados das guerras são decididos. Proporcionar uma

⁴ “Dos arquivos do ISRSCPC, cedido por M. Calandri.” Não há paginação na seção de fotografias no livro de Hamilton.

análise que articule satisfatoriamente essas duas dimensões da história militar é o maior desafio a ser vencido por quem quer que se dedique a esse campo historiográfico. (FERRAZ, 2015, p. 290).

Assim, é com foco na experiência social do conflito e levando em consideração estes elementos constituidores do processo histórico e de seus atores, que o historiador social pesquisa e constrói sua narrativa. É este o recorte temático que pretendemos adotar para esta pesquisa, de forma a abordar o cotidiano dos soldados de linha de frente e suas vivências durante o conflito.

O tema da Segunda Guerra Mundial, de seu ponto de vista político, econômico, estratégico e mesmo tático, de estadistas e generais, tem sido muito abordado por correspondentes, atores históricos, jornalistas, biógrafos, teóricos militares, etc. Tanto contemporaneamente ao conflito, bem como debatido pela historiografia desde as décadas do pós-guerra, assim como depois da Reunificação Alemã e o fim da União Soviética e, em certa medida, até atualmente.

Nosso levantamento bibliográfico revelou uma desproporção historiográfica anglo-saxônica, exacerbando o papel vitorioso dos aliados ocidentais no conflito. Esta ampla produção sobre o tema atravessou décadas e tendências de abordagem diversas, em múltiplos formatos midiáticos, fossem literário, documentarista, biográfico, imagético, psicológico, cinematográfico.

Reconhecemos que, a partir de diversas linhas de interpretação, muito já foi escrito sobre a Segunda Guerra Mundial, de forma que “Uma pessoa poderia pensar que não há nada de novo a acrescentar. No mínimo, sentir-se-ia tentada a pensar desse modo até começar a examinar o que realmente *é* dito e o que *não é* dito.” (DAVIES, 2009, p. 13). Segundo Davies, durante as comemorações dos sessenta anos do fim do conflito, na construção de museus e de memoriais e nas homenagens, os vencedores omitiram o papel de aliados menores, ou de suas colônias.

Ou seja, o quanto a participação de indianos, canadenses e sul-africanos foi fundamental para a vitória anglo-americana. Ou o fato de, no Museu da

Segunda Guerra Mundial em Washington, constar 1941 como início da guerra, ano em que EUA entraram oficialmente no conflito, enquanto outros países encontravam-se em estado beligerante desde 1939, ou mesmo antes, a exemplo da ocupação japonesa na Manchúria.

Davies (2009) chama a atenção para o fato de muitos dos escritos do pós-1945 estarem impregnados de “pesadas questões morais e políticas envolvidas” antifascistas. Embora, segundo Lenz, as democracias dos vencedores não questionassem as ditaduras de Salazar (Portugal, 1933-1974) nem de Franco, (Espanha, 1938-1975) nem de governos autoritários na América Latina, como de Vargas e Perón.

Para o fazer historiográfico, recorreremos ao argumento de Max Hastings, quando escreve da importância e “[d]o dever e privilégio de historiadores mostrar um relativismo aos eventos que não se pode esperar de contemporâneos.” (HASTINGS, 2013, p. 11).

Desta maneira, não se pode abordar a história do conflito apenas por um lado, ignorando o outro, de modo a evitar versões unilaterais e generalizações. Devemos tratar da condição humana daquelas pessoas, independentemente da ideologia ou de sua origem étnica. E traçar os sofrimentos e as situações extremas enfrentadas por estes seres humanos, como os feitos dos gregos e dos bárbaros, pois

[...] uma entre as mais importantes verdades sobre a guerra, a rigor sobre todos os assuntos humanos, é que as pessoas somente podem interpretar o que lhes acontece no contexto de suas próprias circunstâncias. O fato de que, objetiva e estatisticamente, o sofrimento de alguns indivíduos foi menos terrível do que o de outros, em variadas partes do mundo, não importava aos envolvidos [...] soldados de infantaria britânicos e americanos horrorizaram-se com as experiências vividas na campanha de 1944 e 1945 no noroeste da Europa, que se estendeu por onze meses, mas russos e alemães combateram entre si, por quase quatro anos, em condições bem piores e sofrendo baixas muito mais numerosas. (HASTINGS, 2013, p. 9).

Cabe estar atento a tal amplitude na análise de diversas narrativas e abordagens, pois, além da superprodução bibliográfica, há também filmes e seriados de TV com discursos de vitória e heroísmo de americanos passando por privações na Bélgica e França, quando vinte mil soldados aliados passaram por falta de provisões durante algumas semanas a menos 12C°. Entretanto, no fronte leste, sessenta mil alpinos italianos enfrentaram um inimigo muito mais numeroso e bem equipado durante quarenta e cinco dias de combate sob condições precárias, com falta de munições, de alimento e de abrigo. Além de uma posterior marcha forçada de centenas de quilômetros, por mais onze dias combatendo para fugir ao cerco em meio ao frio de até negativos 46C° nas estepes congeladas, o que ocasionou cerca de 90% de baixas:

[...] alguns aspectos da experiência de guerra foram quase universais: o medo, a dor e o recrutamento de jovens obrigados a suportar vidas absolutamente distantes daquelas que escolheriam, em geral pegando em armas e, no pior dos casos, como escravos. (HASTINGS, 2013, p. 11).

Dessa maneira, com essa pesquisa contribuimos com mais alternativas e novas questões, em contraposição a tais interpretações fragmentárias e muitas vezes tendenciosas de refletir e opinar sobre o conflito. Do conhecimento aí formado, além de produções culturais, podem partir ações políticas baseadas em justificativas históricas, como ocupações de territórios, criações e divisões de países, pagamentos de indenizações, julgamentos e o tratamento a prisioneiros de guerra. Como Davies (2009) destaca “o uso da história do período de guerra com propósitos políticos e para a dominação dessa história por interesses nacionais ou específicos.”

Ao historiador, a proposta não é por uma análise distanciada e hermética, mas uma abordagem abrangente e comparativa do conflito e suas nuances. Afinal, a sociedade, no presente, remete-se de alguma maneira ao passado, ou aquilo que pensa ser o passado, para tomar suas atitudes políticas, econômicas, culturais, memoriais, etc. E é o historiador quem deve fornecer o material interpretativo para a formação destes debates.

Portanto, buscamos desmistificar abordagens tendenciosas e muitas vezes portadoras de ranço historiográfico, retratando o esforço de guerra italiano como deficiente, sem analisar as suas particularidades. Aqui pretendemos chamar atenção para eventos e experiências também constituidoras do conflito e, às vezes, pouco contempladas pela historiografia.

Desta maneira, é função do pesquisador valer-se de fontes que representam novas ou velhas abordagens, para uma interpretação com foco nos elementos sociais do conflito, pensando o objeto de forma abrangente e comparando discursos e sentidos. Conforme Hobsbawm, confrontar os sentidos de passado:

O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse ‘sentido de passado’. (HOBSBAWM, 2013, p. 25)

Na busca de “sentido de passado”, o papel do historiador é reunir e defrontar as reminiscências dos eventos e trazer ao debate novas interpretações. Além de comparar os discursos sobre os eventos ao destacar proporções e contraposições interpretativas, independentemente de ideologia ou país de origem. Pois, muito do que foi dito, gravado e escrito no pós-guerra, tem relação com o divisor de águas que representou aquele conflito em termos político-econômico-militar-ideológico-social-cultural.

Neste sentido, a partir do momento em que se trabalha com história militar, para aproximar-se do objeto, são necessárias certas noções sobre algumas “informações elementares” a respeito de situações e especificações. E fossem estas bélicas, geográficas, ou parte do cotidiano e que, muitas vezes, foram determinantes na sobrevivência ou morte dos soldados.

Mencionamos, por exemplo, o desempenho e o grau de eficácia ou não de seu equipamento frente ao terreno, ao clima, ao inimigo, etc. Para, deste modo, auxiliar-nos na proximidade com o recorte que mais nos interessa. Ou

seja, fornecer elementos para aproximar-nos das vivências cotidianas daqueles envolvidos no conflito, em detrimento do antigo enfoque apenas estratégico “de cima”, notado também no trabalho de Hastings sobre sua abordagem:

Minha história enfatiza opiniões e experiências vistas a partir dos degraus mais baixos, as vozes da gente comum, não de pessoas mais importantes; [...] Diários e cartas contemporâneos registram o que as pessoas fizeram ou o que se fez a elas, mas geralmente dizem pouco sobre o que pensavam; o que é mais interessante, mas também é mais evasivo. A explicação óbvia é que muitos guerreiros eram jovens e imaturos: viviam extremos de agitação, terror ou dificuldades, mas apenas uma pequena minoria tinha energia emocional para refletir, pois estavam absorvidos por seu ambiente físico, por suas necessidades e desejos mais imediatos. (HASTINGS, 2013, p. 12).

Mas ainda vale lembrar que, segundo Hobsbawm, os trabalhos confeccionados a partir de fontes relacionadas a memórias, entrevistas, relatos de sobreviventes, etc. implicam em algumas questões as quais o historiador deve estar atento. Pois, segundo o autor britânico, a utilização deste tipo de fonte levanta também uma problemática: “A questão é que a memória é menos uma gravação que um mecanismo seletivo, e a seleção, dentro de certos limites, é constantemente mutável.” (HOBSBAWM, 2013, p. 287).

Como no caso da fonte analisada, uma narrativa de experiências, ou seja, um trabalho memorial, está inevitavelmente carregada de vastas questões debatidas pela historiografia. Aqui podemos relacionar o tema desta história dos “de baixo” e suas vivências traumáticas, não abordado pela historiografia militar em favor do enfoque estratégico, com a reflexão de Martin-Barbeiro (2003), sobre a cultura popular urbana chama de “um *resto*: memória da experiência sem discurso, que resiste ao discurso e se deixa dizer só no relato.”

Enfim, vale ressaltar que essa seleção historiográfica, memorial, cultural, artística ou literária, ainda que involuntariamente, constrói mentalidades e opiniões baseados nestes aspectos que influem em atitudes futuras. No passado, as experiências de guerra, como vivenciadas foram, são sim, intangíveis. Mas, há de se construir uma interpretação, um discurso historicizante do passado de maneira mais ampla, abrangente e

desmistificadora. Mas com uma mentalidade mais sóbria e menos tendenciosa para refletirmos sobre os elementos sociais no cotidiano de uma parcela daqueles que tomaram parte no que Max Hastings (2013) chama de “o maior evento da história da humanidade.”

E fosse devido à proporção de pessoas no mundo todo envolvidas, direta ou indiretamente nas hostilidades, ou pela amplitude de experiências e situações vivenciadas, fossem catastróficas, traumáticas ou até eletrizantes. Elas envolvem uma gama considerável das experiências humanas, com estados físicos e psicológicos variados para aqueles que participaram dos eventos.

Revisão historiográfica

Para embasamento, realizamos uma ampla pesquisa e revisão bibliográfica, passando por livros e artigos (físicos e digitais) publicados em italiano, inglês e português. Além desses impressos, informações extraídas de entrevistas e documentários disponíveis em canais italianos no *Youtube* com vistas ao procedimento de

[...] pesquisar o ‘estado-da-arte’ da historiografia relacionada [...] [para, assim,] entender a natureza da produção historiográfica, ou, dito de outra maneira, procurar saber quem escreveu/falou/filmou sobre esse passado. (FERRAZ, 2015, p. 286).

O levantamento bibliográfico demonstrou que até o momento em que escrevo este trabalho, essa temática não tinha ainda sido abordada em outras pesquisas publicadas em português; sequer encontrei material acadêmico sobre a temática que tenha sido publicado no Brasil. Ressalto não só lacuna sobre o Corpo Alpino na historiografia, mas de toda a Frente do Don, a norte de Stalingrado em 1942-1943, que envolvia um Grupo de Exércitos composto por milhões de homens de diversas nacionalidades. Nesse trabalho visou contribuir para o preenchimento desta lacuna historiográfica.

Mesmo na historiografia internacional encontramos poucas produções a respeito do tema, à exceção óbvia dos trabalhos de historiadores italianos e também de sobreviventes que escreveram sobre suas experiências na campanha da Rússia. Os trabalhos abordam desde a campanha de 1941 do *CSIR* (Corpo Expedicionário Italiano na Rússia), durante a Operação Barbarossa, bem como a expansão das tropas no ano seguinte, quando da participação das divisões alpinas.

Com destaque para obras como *Diario di un alpino in Russia* e *L'ultimo fronte* de Nuto Revelli; *Le due guerre italiane, 1935-1943* de Giorgio Rochat. De autoria de Massimo Sani, o livro, *Prigionieri, i soldati italiani nei campi di concentramento, 1940-1947*, bem como o documentário *Italia in guerra* – de 1983, disponível no *Youtube*. Há também trabalhos notáveis de autoria de pensadores militares italianos, como professores de academias militares ou relacionados aos Institutos Alpinos, como Maurilio Di Giangregorio e Marco Cimmino, do qual nos valemos da palestra *Nikolajewka*, disponível também no *Youtube*.

O portal de vídeos online também nos proporcionou acesso a uma esclarecedora entrevista com os historiadores Giorgio Rochat e Giorgio Scotoni, *La disfata sul Don*. Outras obras consultadas incluem escritos disponíveis online e acessadas através de leitor eletrônico como: *Talianski Karasciò: La campagna di Russia tra mito e rimozione* e *Crocce di ghiaccio*, de Pierluigi di Colloredo, *L'alpino che giocava ai dadi*, de Luca Cozzi, *Il fango, il gelo e i girasoli*, de Riccardo Raboni.

Indispensável me foi o livro *Scarifice on the Steppe: The Italian Alpine Corps in the Stalingrad Campaign, 1942-1943*, de autoria da historiadora norte-americana Hope Hamilton, com ampla pesquisa historiográfica em língua italiana, bem como entrevistas com sobreviventes, cartas e diários não publicados, mapas, registros fotográficos e documentos diversos.

A cinematografia italiana sobre a campanha italiana na Rússia se faz notar pelo filme *Italiani, brava gente* (1965), dirigido por Giuseppe de Santis. O filme tem enredo sobre a campanha dos italianos nas estepes desde o avanço de 1941, até a dramática retirada pelas estepes no início 1943, em tom de crítica humanitária, retratou a tragédia e o sofrimento dos combatentes durante a luta, a desmobilização e a posterior retirada.

CAP. 1 – HISTORIOGRAFIA, MEMÓRIA E TESTEMUNHO



IMAGEM N. 2: O canhão de montanha de 75mm. dos alpinos. Era desmontável e transportado por mulas. (Fonte: BEDESCHI, 1968).

Esta pesquisa baseia-se em propostas interdisciplinares que têm enriquecido o campo historiográfico. Há de refletir sobre as abordagens da história social remetendo-se à Escola dos *Annales*. Tal aproximação é necessária pelo fato deste ser um marco da composição de novas abordagens historiográficas, em contraposição às abordagens rankianas e positivistas dominantes entre os historiadores profissionais até os idos do século XX.

A partir do instante em que a História se aproximou da teoria social e da antropologia criando novas abordagens, a historiografia militar não ficou fora de tal influência. Exemplo importante no que se refere ao estudo da guerra, onde podemos focar nos espaços de conflito, em opções geoestratégicas, na logística, nos recursos tecnológicos, nas relações entre líderes e comandados, nas culturas políticas, imaginários, no cotidiano, nas identidades e sentimentos dos combatentes, etc. Esse leque de opções temáticas aprimora a produção textual e o debate decorrente a respeito das experiências sociais neste ambiente histórico que é o lugar de conflito.

1.1 - História social e cotidiano dos soldados

A maioria da história escrita por cronistas contemporâneos e estudiosos subsequentes desde o início da escrita até, digamos, o fim do século XIX, nos diz tão pouco sobre a grande maioria dos habitantes dos países ou Estados que ela esteve registrando, por que a pergunta de Brecht ‘Quem construiu a Tebas dos Sete Portões?’ é típica do século XX? A resposta nos leva tanto para a natureza política [...] quanto para a motivação dos historiadores. A maior parte da história no passado era escrita para a glorificação e talvez para uso prático dos governantes. (HOBSBAWM, 2013, pp. 280-281).

Entendemos que a história social visa estudar o fenômeno militar sob uma nova óptica, em que variados aspectos ligados a guerra são articulados numa compreensão analítica, contrapondo-se a um modelo tradicional que visava apenas o estudo técnico das grandes batalhas, contadas a partir do viés memorialista e descritivo dos atores históricos, focado, na maioria das vezes, apenas nos grandes personagens. A partir dessa concepção, as batalhas se tornaram um dos objetos da história militar. Embora esta não se delimite à batalha, esta não perde importância, já que não é possível pensar no soldado e não pensar na batalha, na guerra em todas suas conotações no tempo e espaço.

Assim, tornam-se objetos de análise os desdobramentos da guerra nas estruturas sociais, políticas, culturais, psíquicas, tais como: as diferentes culturas no tempo; a relação do fenômeno militar na organização sociocultural; as tradições (símbolos, imagens, canções, etc.); o estudo das instituições militares, enfim, há um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas.

Contudo, este paralelo entre a história social e a história militar é revelador, também, pois, até recentemente, a grande maioria das produções sobre conflitos armados se aterem a um enfoque estratégico-tático. Escritos por comandantes de altas patentes, membros de estados-maiores ou voltados para o estudo destes chefes militares, uma história de cima para baixo.

Este não é o enfoque aqui proposto, pois optamos por uma abordagem mais voltada ao social, às adversidades vivenciadas pelos soldados e combatentes, que compunham a grande maioria dos exércitos, pois foram eles aqueles vivenciaram em seus corpos e mentes toda sorte de situações traumáticas, sofrimentos no calor da batalha.

Assim sendo, não nos limitaremos a abordar esses milhares de homens como meros números de estatística de baixas, ou quadro geral de divisões ou siglas de corpos de exército. Mas, ao mesmo tempo que esta opção de enfoque nos abre uma nova possibilidade de desvendar e reconstruir mais sobre as experiências e memórias destes “homens comuns”, levanta-se a questão de como e com que base fazê-lo, pois

não podemos ser positivistas, acreditando que as perguntas e as respostas surgem naturalmente do estudo do material. Em geral, não existe material algum até que nossas perguntas o tenham revelado. (HOBSBAWM, 2013, p.285).

De forma que, os documentos e relatórios oficiais, bem como ordens de batalha e diretrizes de combate são tradicionalmente da alçada de oficiais e comandantes de patentes elevadas, pois há de lembrar que em “qualquer sociedade, a documentação é intrinsecamente distorcida, uma vez que a condição de acesso à sua produção estão ligadas a uma situação de poder e, portanto, de desequilíbrio.” (GINZBURG, 2007, p. 262). De forma que a documentação e as reminiscências deste passado não podem ser consideradas neutras ou autoexplicativas, pois, aquilo que

sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 2001, p.535).

Para seguir com a análise destas questões, fazemos um paralelo entre a história oficial e seus documentos e a história militar da grande estratégia, com a história dos movimentos populares, o testemunho e a memória do soldado combatente, pois:

Um aspecto importante da história dos movimentos populares é aquilo que as pessoas comuns se lembram dos grandes acontecimentos, em contraste com aquilo que seus superiores acham que deveriam se lembrar, ou com o que os historiadores conseguem definir como tendo acontecido; e na medida em que convertem a memória em mito. [...] uma vez que tão grande parte das vidas e, ainda mais, dos pensamentos das pessoas comuns esteve totalmente desconhecida. (HOBSBAWM, 2013, pp.287-298).

Entretanto, para lidar com tudo isto de maneira a dar decorrência a pesquisa, e não paralisá-la, novamente nos referimos a Hobsbawm, quando afirma que:

O que normalmente devemos fazer é reunir uma ampla variedade de informações em geral fragmentárias: e para fazer isso precisamos [...] construir nós mesmos um quebra cabeça, ou seja, formular como tais informações *deveriam* se encaixar. (HOBSBAWM, 2013, p.291).

Ou seja, dentro de uma visão particular em que a experiência do indivíduo se sobressaia ao da versão unilateral, geralmente transmitida e conhecida como História Oficial.

Por outro lado, a memória, o testemunho e a história oral são os recursos que restam aos soldados e combatentes de baixa patente para contar, transmitir, perpetuar, superar suas experiências, muitas vezes traumáticas. É mediante o testemunho que se tenta dizer o que, via de regra, não se pode dizer. Por conseguinte, o relato testemunhal é o gênero que dá suporte à representação do irrepresentável⁵, um discurso apto a desencadear uma rede de solidariedade entre vítimas de opressão, violência e traumas. O testemunho floresce como um gênero narrativo, e, por intermédio dele se pode dizer o interdito, o horror, a dor da perda irremediável. Mesmo de forma precária e insuficiente, o

⁵ "(A) importância da narração para a constituição do sujeito. Essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, de retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento [...] literatura e história enraízam-se no cuidado com o lembrar, seja para tentar reconstruir um passado que nos escapa, seja para 'resguardar alguma coisa da morte' dentro da nossa frágil existência humana. Se assim podemos ler as histórias que a humanidade conta a si mesma como fluxo constitutivo da memória e, portanto, de sua identidade, nem por isso o próprio movimento da narração deixa de ser atravessado, de maneira geralmente mais subterrânea, pelo refluxo do esquecimento; esquecimento que não seria só uma falha, um 'branco' de memória, mas também uma atividade que apaga, renuncia, recorta, opõe ao infinito da memória a finitude necessária da morte e a inscreve no âmago da narração." (GAGNEBIN, 1994, pp.3-4).

testemunho faz vir à tona “fragmentos, ou cacos esmagados pela força de ocorrências [que] nunca chegam a se cristalizar em compreensão ou lembrança.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 10).

Assim, assinalamos a fonte principal deste trabalho, o escrito memorialístico de Giulio Bedeschi, primeiramente como um documento, para então, recorrermos a algumas teorias historiográficas para dissecá-lo, pois

O documento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. [...] o *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária [...]. (LE GOFF, 2001, pp.535-536).

Na sequência, Le Goff recorre a Lucien Febvre quanto à “habilidade do historiador” de se utilizar daquilo que outros chamam de “imaginação histórica”, para “fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram.” (*Idem, Ibidem*, p. 540).

Para, então, analisarmos como o tema aparece no relato, comparando-o e confrontando-o com informações extraídas de pesquisas a seu respeito, para, no decorrer de nossa análise, descrever, analisar e contextualizar o momento histórico abordado na narrativa. Reflexão que relacionamos com as ideias presentes no escrito Sobre História, em que Eric Hobsbawm (2013) apresenta o argumento de que “há coisas que devemos saber sobre o passado.”

A exemplo das botas de pregos dos alpinos, que formavam, durante as inúmeras marchas pelas estepes congeladas, uma palmilha de gelo sob seus pés; ou que suas armas, segundo Cimmino (2013), mesmo que sofisticadas, como a metralhadora Beretta, emperravam devido ao frio extremo por não haver óleo lubrificante anti-congelante. Ou ainda, o fato de que não tinham armamento específico, como o antitanque. Conforme Cimmino (2013), quando necessário, usavam o pequeno canhão de montanha de 75mm com granada antitanque; aguardavam o inimigo chegar a um raio de dez metros para ter alguma eficiência. E, numa guerra de planície, dominada pelo poder de fogo e

mobilidade dos carros de combate, o fato de os alpinos, tropas montanhesas, contarem com mulas para o transporte em trenós, movendo-se a míseros seis quilômetros por hora.

Assim, os alpinos, soldados de elite montanheses foram lançados numa guerra de movimento em uma planície congelada, sem meios, recursos, transportes e provisões adequadas. Marcharam por mil quilômetros até o fronte, lutaram por quarenta e cinco dias na planície congelada contra os exércitos de choque soviéticos, superiores em meios e número. Entretanto, os alpinos ainda mantinham o fronte quando se viram cercados. Iniciaram, então, a marcha de retirada de onze dias durante a qual percorreram 700 Km de estepe congelada, fora das estradas, a temperaturas inferiores a 40 graus negativos. Em diversas ocasiões lutaram para escapar ao cerco, como na Batalha de Nikolajewka. As baixas nas três divisões alpinas chegaram a 90% entre mortos, feridos, desaparecidos e capturados. Estes últimos ainda enfrentaram as “marchas do *davai*”, a morte pela fome e frio nos campos de triagem e, posteriormente, nos campos de trabalho forçado no cativeiro soviético na Sibéria que, para os oficiais que sobreviveram, durou até 1955.

1.2 - Memória e testemunho

[...] uma seleção particular da infinidade daquilo que é lembrado ou capaz de ser lembrado.
(HOBSBAWM, 2013, p.26).

Para continuarmos a abordagem de forma a elucidar estes pormenores e analisar este processo histórico, devemos pensar algumas questões sobre o lugar da memória e a respeito do testemunho no relato. Pois, entendemos que o testemunho é por excelência fruto da memória. E se tomamos o testemunho no seu sentido não mais religioso ou meramente jurídico, mas sim como uma busca

de se ler na cultura as marcas das catástrofes do século XX, é porque ocorreu uma virada culturalista nas ciências humanas.

A partir desta nova concepção, a memória passou a ocupar lugar de destaque, submetendo a historiografia quanto à escrita do passado. Nesse período, a historiografia se abriu aqui e ali aos discursos da memória, como nos trabalhos de história que fazem uso da história oral - como no caso das entrevistas com alguns veteranos sobreviventes, desenvolvidas no trabalho de Hamilton, ou ainda, nos estudos da imagem⁶.

No exercício de trazer à análise um discurso que remete às memórias de um período conflituoso e traumático, lembramos que o testemunho tem como característica principal ser um ato de sobrevivência, pois “a morte é a sanção de tudo que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural.” (BENJAMIN, 1987, p.208). E, além disso, a maneira como essas experiências são comunicadas e o “‘manter-se no fato’ [...] remete à situação singular do sobrevivente como alguém que habita na clausura de um acontecimento extremo que o aproximou da morte.” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 81). De maneira que, assim,

[...] podemos caracterizar, portanto, o testemunho como uma atividade *elementar*, no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que voltado *Lager* [campo de concentração] ou de outra situação radical de violência que implica esta necessidade, ou seja, que desencadeia esta carência absoluta de narrar, por parte do depoente e de suas experiências após voltarem ao seu lar. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66).

Entretanto, ao vermos os depoimentos e analisarmos a fonte, logo percebemos a barreira entre o sobrevivente e os “outros” (aqueles que não viveram a experiência da guerra). Esta barreira de vivências e de comunicação, evidencia o abismo que isolava o sobrevivente da vivência com seus demais companheiros de humanidade. Essa dificuldade em narrar suas experiências se

⁶ Ver: SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>.

liga ao choque que o soldado ou civil teve com a guerra. Principalmente desde a Grande Guerra, com explosões, tiros, bombas, mortes em massa, onde a técnica criou situações violentas e traumáticas, e trouxe

[...] a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inclinável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p.214).

Por outro lado, a narrativa para quem viveu uma situação traumática, seria como um “remédio”, que ajudaria a sanar a dor em suas memórias, e, narrar o trauma, significa o anseio de renascer.

Por isso, o valor do testemunho não se encontra na sua capacidade de veracidade, como se fosse posto à prova em termos científicos. Para Seligmann-Silva (2008), a base do testemunho consiste de uma ambiguidade: de um lado temos a necessidade de narrar o que foi vivido. De outro a percepção de que a linguagem é insuficiente para dar conta do que ocorreu. A identidade segura à voz da enunciação e faz da narração a busca de um sentido, que não foi antecipadamente definido. Relaciona-se a um discurso instável, híbrido em que os conflitos sociais são incorporados aos fundamentos expressivos.

Salientamos que o conceito de real pensado no testemunho é problematizado, uma vez que não estamos diante de uma percepção de senso comum. A vítima do testemunho não vê apenas o que é trivialmente aceito, pois o que merece testemunho, em princípio, é caracterizado por uma excepcionalidade e exige ser relatado. O real é entendido como traumático, o testemunho fala e narra o nosso encontro com o real do trauma.

Ainda a respeito do ato de narrar, são importantes as reflexões de Walter Benjamin em “Experiência e pobreza”, de 1936, no qual o pensador alemão reflete sobre o “silêncio” que envolvia os sobreviventes da Primeira Guerra Mundial. Segundo ele, devido a terem vivenciado uma das mais terríveis experiências históricas,

Os combatentes haviam voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado a cavalos, viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN, 1987, p. 115).

Embora não possamos deixar de sublinhar o papel da memória nesta pesquisa, frisamos nossa ciência sobre a sua importância de forma a não deslegitimarmos a memória em oposição ao testemunho. Menos ainda pretendemos atribuir à História o que se nega a pertencer à memória, ou o domínio sobre uma verdade mais legítima do que outras possíveis. Isto nos leva a compreender de que modo as circunstâncias em que se vive o presente implicam na modelação e remodelação da memória.

Ou seja, como a conjuntura do presente e a posição ocupada por pessoas ou grupos pode ser favorável a algumas lembranças, enquanto outras são esquecidas, provocando nuances que caracterizam a memória como um fenômeno dinâmico e fluido. Haja em vista a vitória dos aliados durante a Segunda Guerra Mundial e a conseguinte “história oficial” por eles fabricada, na qual muitas vezes os vencidos foram excluídos e marginalizados.

Ao analisarmos a fonte, a narrativa logo nos evidencia que as histórias de vida ali presentes se revelam ricas em detalhes sobre a guerra e seus impactos e compartilham de uma mesma história vivida. Mas devemos considerar que o lado mais positivo de se pesquisar a memória e investigá-la pelo testemunho, é o fato de que esses projetos participativos ajudam as pessoas

a reconhecer e valorizar experiências antes silenciadas, ou ainda a enfrentar aspectos difíceis e dolorosos de suas vidas.⁷

Para alguns, esse processo será extremamente polêmico; para outros será gratificante, as novas histórias podem contribuir para divulgar as experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos ou marginalizados em narrativas históricas anteriores. O que leva essas pessoas a reconhecerem que elas também foram importantes historicamente. Assim, a memória é, também, um elemento de reminiscência e de identidade.

Desta forma, vale a ressaltar outros importantes elementos sociais de ordem identitária presentes no testemunho, tais como: quem eram os alpinos, quais suas tradições, suas formas de identificação e laços de parentesco entre os soldados. Afinal, as divisões alpinas foram recrutadas em aldeias dos vales do norte da Itália. Muitos eram parentes e amigos. Assim, os elementos de identidade e de coesão aparecem no escrito de Bedeschi, que afirma que os alpinos

[...] eram soldados como quaisquer outros, usando simplesmente, como todos os alpinos, um singular chapéu de feltro de aba larga [...], os alpinos concordariam em privar-se de tudo menos do seu chapéu, por desabado e amarrotado que estivesse! [...] o homem e o chapéu compõem um todo. (BEDESCHI, 1968, p. 12).

Elementos textuais desta ordem lembram-nos que o documento é “composto de elementos que funcionam como um ‘inconsciente cultural’ que assume um papel decisivo e intervêm para orientar uma apreensão, um conhecimento.” (CLAVEL-LÉVÈQUE; *apud* LE GOFF, 2001, p 547).

⁷ “Se essas duas memórias (individual e coletiva) se penetram frequentemente; se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, [...] nem por isso (a memória individual) deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância. [...] (De forma que) um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. [...] (Pois) o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.” (HALBWACHS, 2004, pp.57-58).

O que se verifica, pois, passagens como esta nos remetem, além do inconsciente cultural de identidade e unidade, para outro elemento importante: o da moral em situações de combate, também presente nas páginas que Bedeschi dedica a evidenciar a importância simbólica do chapéu alpino, pois:

[...] seria um erro substituí-lo pelo capacete, nas trincheiras; naturalmente, ninguém diz que o feltro protege das balas mais que o aço, mas não deixa de ser bom tê-lo na cabeça a quatro passos do inimigo; a gente sente-se mais alpino e tem-se a impressão de que o silvo raivoso passará sempre dois dedos além. (BEDESCHI, 1968, p.13).

Para pensarmos estas questões, vale lembrar que, “também precisamos de imaginação – de preferência associada com informações [...] para reconstruir [...] um *sistema* de comportamento ou pensamento coerente” (HOBSBAWM, 2013, p.293), que nos auxiliem na análise deste processo histórico e no papel de seus agentes, e

[...] tal como no passado uma de nossas tarefas é descobrir as vidas e pensamentos das pessoas comuns e resgatá-las daquilo que Edward Thompson chama de ‘enorme condescendência da posteridade’, assim, no presente, nosso problema é também o de desnudar as suposições igualmente presunçosas daqueles que pensam saber o que são os fatos e as soluções, e que procuram impô-las às pessoas.” (HOBSBAWM, 2013, p.299).

Para, então, sermos capazes de analisar e desmistificar muitas suposições ou posições historiográficas questionáveis, ou mesmo para não ficarmos limitados às versões generalizantes dos vencedores ocidentais, que pouco abordam em suas obras a relevância de todo Fronte Leste. Ou ainda, como fizeram alguns generais alemães em suas memórias escritas no pós-guerra, nas quais exacerbaram a falta de disposição para o combate de seus aliados romenos, húngaros e italianos, com retiradas em massa, como forma de excusar-se do fracasso da ofensiva de 1942⁸. Ou mesmo como pretendeu fazer o regime fascista em relação aos sobreviventes da marcha de retirada. Após

⁸ Ver: BLUMENTRITT; HART; FREDBORG. Entrevistas com generais alemães referindo-se à retirada das tropas do Eixo em 1942-1943.

chegarem à Itália, foram escondidos da população pelo regime, devido a seu estado deplorável, como uma forma de manipulação da opinião pública.

Vale a pena frisar uma questão ideológica e de identificação presente na historiografia ocidental no que concerne ao Fronte Leste: a noção de uma guerra étnico-ideológica de extermínio entre nazifascistas e comunistas.⁹ Aqui cabe mais um exercício de desconstrução, pois, há um elemento de ordem social no escrito de Bedeschi a ressaltar. Elemento que também aparece nas outras obras consultadas: As relações entre os italianos e camponeses locais, bem como com os prisioneiros russos. Os soldados italianos, segundo o veterano Cenci, consideravam que “o inimigo era um adversário, diferentemente de como o viam os alemães.” (ROCHAT, S.d.).

Segundo os veteranos italianos entrevistados no documentário *Tragedia sul Don* (SANI, 1983), havia um sentimento de identificação com os camponeses locais, que se mostravam religiosos e interessados nas imagens dos santos, trazidas pelos soldados italianos. Bedeschi, sobre as relações com os prisioneiros, afirma que em áreas ocupadas pelos italianos, os alemães não podiam requisitá-los, e logo

[...] se estabelecia [com os italianos] em pouco tempo uma convenção tácita: os alpinos ofereciam aos prisioneiros comida e moradia e estes ajudavam nas inúmeras tarefas que impõe a vida militar [...] carregavam as mulas e rachavam lenha [...] demonstravam preferência pelos vinhos e licores, mas bebiam também gasolina e álcool de queimar [...] movimentavam-se com toda liberdade, de acordo com suas ocupações, e à noite recolhiam-se a suas tendas para reaparecerem no dia seguinte satisfeitos e pontuais. Nenhum deles renunciava jamais à sua condição de prisioneiro, mesmo sendo-lhes fácil confundir-se com a população ou desaparecer naquela Ucrânia desmensurada. (BEDESCHI, 1968, p. 38).

Ou mesmo durante os inúmeros dias da marcha de retirada, quando os camponeses deram alimentos aos soldados italianos famintos e “muitos de

⁹ Destacam-se alguns elementos de crimes de guerra como: a Ordem de Severidade, emitida pelo Marechal alemão Von Reichenau que enviesava o inimigo como “subhumano”, a Ordem dos Comissários, de Hitler, que previa a execução sumária de qualquer comissário do Partido Comunista que fosse capturado, além da não observação das leis de guerra, pois a URSS não era signatária da Convenção de Genebra. Ver: MAZOWER, 2013.

nossos compatriotas foram salvos do congelamento pelos cuidados altruístas e maternais de mulheres pobres.” (CORTI *apud*: HASTINGS, 2012, p. 338).

1.3 - Testemunho e historiografia

Para pensarmos o objeto e suas nuances a partir destes elementos memorialísticos, devemos estar cientes de certas problemáticas e questões presentes nesta categoria historiográfica. Vale ressaltar que, a partir do pensamento do italiano Renato Serra, com base no escrito *Partenza di un grupo di soldati per la Libia*, de 1912, Carlo Ginzburg analisa a tangibilidade da “coisa em si” e a desconfiança¹⁰ na possibilidade de alcançá-la por meio de depoimentos.” (GINZBURG, 2007, p.272). Pois, segundo Ginzburg, para Serra, toda sorte de documentação como, por exemplo

[...] toscas cartas mandadas pelos soldados à família, artigos de jornal escritos para agradar um público distante, relatos de ações de guerra rabiscadas às pressas por um capitão impaciente, reelaborações de historiadores cheios de veneração supersticiosa por esse tipo de documento: todas essas narrativas, independentemente do seu caráter mais ou menos direto, têm (explica Serra) uma relação altamente problemática com a realidade. (GINZBURG, 2007, p. 272).

O que leva à questão central de nosso trabalho, fornecendo cabedal interpretativo para pensar as circunstâncias sob as quais Bedeschi, após ter sobrevivido aos combates, a marcha de retirada e suas agruras e a posterior continuação da guerra na Itália após a repatriação do fronte russo, dedicou-se

¹⁰ “Tem gente que imagina de boa-fé que um documento pode ser uma expressão da realidade [...]. Como se um documento pudesse exprimir algo diferente de *si mesmo*. [...] Um documento é um fato. A batalha, outro fato (uma infinidade de outros fatos). Os dois não podem fazer *um*. O homem que age é *um fato*. E o homem que conta é *outro fato*. [...] Todo depoimento da testemunho apenas de si mesmo, de seu momento, de sua origem, do seu fim, e de nada mais. [...] Todas as críticas que fazemos a história implicam o conceito da história verdadeira, da realidade absoluta. É preciso enfrentar a questão da memória; não na medida em que é esquecimento, mas na medida em que é *memória*. Existência das coisas em si.” (SERRA; *apud*: GINZBURG, 2007, pp. 272-273).

a compilar suas memórias, tecendo uma narrativa linear e descritiva. Assim, não podemos prescindir dos elementos interpretativos trazidos por Carlo Ginzburg, ao fazer referência às reflexões de Italo Calvino a respeito da questão memorialística e o ato da escrita.

Calvino, no processo narrativo de “Lembrança de uma batalha”, discorreu sobre um episódio de guerrilha contra a ocupação alemã na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Ele teceu algumas reflexões que são frutos de seu questionamento sobre a credibilidade da própria capacidade de rememoração, mesmo que trinta anos após o ocorrido:

Não é verdade que já não me lembro de nada, as lembranças ainda estão lá, escondidas no novelo cinzento do cérebro. [...] e meu medo de agora é que, assim que uma lembrança se perfilar, ela vá logo tomando um matiz errado, maneirista, sentimental, como sempre acontece com a guerra e a juventude, e se torne um pedaço de relato com o estilo de então, que não pode nos dizer como as coisas eram de fato, mas somente como acreditávamos vê-las e dizê-las. (CALVINO; *apud*: GINZBURG, 2007, pp. 273-274).

Questões e problemáticas em aberto como estas a respeito da credibilidade do testemunho, bem como as tentativas de abordá-los, são recorrentes nessa historiografia, pois,

se o ‘real’ pode ser pensado como um ‘desencontro’ (algo que nos escapa como o sobrevivente o demonstra a partir de sua situação radical), não deixa de ser verdade que a linguagem e, sobretudo, a linguagem da poesia e da literatura, busca esse encontro impossível. Vendo o testemunho como o vértice entre a história e a memória, entre os fatos e as narrativas, entre, em suma, o simbólico e o indivíduo, essa necessidade de um pensamento aberto para a linguagem da poesia no contexto testemunhal fica mais clara. (SELIGMAN-SILVA, 2008, p.81).

Assim como no relato de Bedeschi, uma peça memorialística que mesmo substituindo nomes¹¹ e sendo portador de recursos linguísticos às vezes anedóticos, ou até épicos ou heroicos. Em outras passagens, há diálogos

¹¹ “‘Ítalo Serri’ é o pseudônimo para o tenente Giulio Bedeschi, que serviu na 13ª bateria do Grupo de Artilharia Conegliano, do terceiro regimento da Divisão *Julia*. Em seu livro, Bedeschi substitui a 13ª bateria pela ficcional 26ª bateria. ‘Capitão Ugo Reitani’ é o pseudônimo usado para o Capitão D’Amico.” (HAMILTON, 2011, p. 328).

integrals, descrições detalhadas de estado de espírito, explosões emocionais, pormenores coletivos e individuais, maneirismos e até mesmo elementos de humor, e como no gênero da

[...] literatura de viagem, de introdução a um mundo desconhecido dos leitores, ressaltando as proximidades e distâncias dos mundos dos combatentes e dos não-combatentes. [...] [E] mesmo que de reduzidas dimensões, essas representações históricas dos eventos [...] exibem investimentos narrativos e propostas explicativas próprias. (FERRAZ, 2015, pp. 286-294).

Apesar de tudo, a narrativa não perde seu valor de testemunho, pois estes elementos também são caros à composição e à própria natureza do documento, pois

[...] sem subestimar o texto que exprime a superioridade, não do testemunho, mas do ambiente que o produziu, [...] o documento não é qualquer coisa que fique por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2001, p. 545).

Lembramos que não consideramos nada como autoexplicativo ou como algo encerrado em si mesmo, de maneira que,

[...] o documento, o dado já não existem por si próprios, mas em relação com a série que os precede e os segue, é o seu valor *relativo* que se torna objetivo e não a sua relação com uma inapreensível substância real. (FURET, 1974, pp.47-48; *apud* LE GOFF, 2001, p. 541).

Temos outra contribuição em Maurice Halbwachs, pois, ao analisar a memória coletiva,

[...] fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de algum evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. (HALBWACHS, 2004, p. 29).

Se tratando de memórias, testemunhos pessoais e relatos na maioria das vezes compiladas e escritas após os eventos – mesmo que três anos após a Batalha do Don, como no caso de Bedeschi, que compilou suas memórias em 1946, ou nos testemunhos e entrevistas de décadas posteriores, como no

trabalho Hamilton. Temos de considerar questões como a seletividade e a mobilidade da memória, bem como do esquecimento, ainda mais se tratando de eventos traumáticos, levantam-se algumas questões, como as

[...] imagens (recordações ou relatos de terceiros), que nos são impostas pelo nosso meio, modificam a impressão que podemos ter guardado de um fato antigo[...] para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias. (Entretanto), inversamente, pode acontecer que depoimentos de outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e orientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que incorporem-se a ela [...] Desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com este grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu. (HALBWACHS, 2004, pp. 32-33).

Ou seja, conforme lembra Benjamin, que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1987, p.198).

Entretanto, para não deixarmos de considerar a problemática destes recursos, frisamos que:

Hoje a maioria da história oral é memória pessoal, um meio notadamente escorregadio de preservar fatos. A questão é que a memória é menos uma gravação que um mecanismo seletivo, e a seleção, dentro de certos limites, é constantemente mutável. [...] [Mas] é claro que também podemos compará-la com alguma fonte independente verificável e aprová-la porque pode ser confirmada por tal fonte. (HOBSBAWM, 2013, p.287).

Tais como cartas, ordens de batalha, mapas, fotos e outras memórias e testemunhos que tivemos acesso, além do material contido na obra de Bedeschi, das entrevistas com sobreviventes contidas no livro *Sacrifice on the Steppe*, de Hope Hamilton, bem como por demais historiadores. Mesmo assim, não podemos nos esquecer ainda, que “isso não nos deixa mais perto do problema crucial, o de saber em que podemos acreditar quando não há nada com que cotejar.” (HOBSBAWM, 2013, p.287).

1.4 – Encaixe, contextualização e micro-história

Se pensarmos a enorme escala do teatro de operações que se convencionou chamar de Frente Leste, onde dezenas de milhões de homens combateram numa frente que se estendia por mais de três mil quilômetros, focar nosso trabalho nas três divisões alpinas compostas por estes sessenta mil italianos na frete do Don é uma forma micro-história¹². Conforme Carlo Ginzburg, esta “hipótese de pesquisa e experiência narrativa” tem como característica “reduzir a escala de observação [e] transformar num livro aquilo que, para outro estudioso, poderia ter sido uma simples nota de rodapé numa hipotética monografia.” (GINZBURG, 2007, p. 264).

De forma que, para construir este quadro interpretativo devemos atentar para

[...] a identificação do objeto e de sua relevância; a elaboração das categorias pelas quais ele é analisado; os critérios de evidência; os modelos estilísticos e narrativos por meio dos quais os resultados são transmitidos ao leitor. [...] o que unifica programaticamente todas essas pesquisas é a insistência no contexto. (GINZBURG, 2007, pp. 275-276).

Assim, devemos ter em conta algo indispensável, pois o “historiador é obrigado a explicar de uma ou de outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo.” (BENJAMIN, 1987, p.209). Assim, lembramos que:

Há um elemento de conhecimento, de experiência, de simplesmente possuir uma familiaridade bastante ampla e concreta com o objetivo real. [...] informações igualmente elementares [...]. [Pois] simplesmente existem coisas que devemos saber sobre o passado. (HOBSBAWM, 2013, p.292).

¹² “[...] o que é relevante na micro-história é possibilidade de ter um intenso estudo de um caso, que levaria a uma melhor generalização. [...] a teoria vem depois (da exploração) dos fatos em alguma direção. (Para) não apenas responder questões, mas estar atento as questões que vão surgindo no decorrer da pesquisa.” (GINZBURG, s.d., Microhistory: Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VFh1DdXToyE>>).

Como, por exemplo, saber quais operações foram lançadas pelo Exército Vermelho contra os alpinos, quando e quais eram seus objetivos no contexto geral da Batalha de Stalingrado, quais eram as proporções e meios com os quais os dois lados lutaram. Para, então, conjecturar, sobre os eventos militares, sobre a luta, a resistência e penúria. Bem como com quais meios e equipamentos estas divisões de montanha combateram na planície, em condições excepcionais, seja com relação ao treinamento¹³, experiência e meios¹⁴.

Além da falta de armas antitanque para enfrentar a guerra de movimento, os soldados nem sequer receberam casacos de peles para enfrentar as temperaturas extremas, e “foram calçados com botas sem forro e feitas com pregos, que acumulavam gelo na sola e congelavam os pés.” (VETTORAZZO *apud*: ROCHAT; s.d.)¹⁵.

De certa forma, estes alpinos “partiram rumo à planície congelada de até quarenta graus negativos com o mesmo aparato bélico com o qual seus compatriotas lutavam no deserto da África do Norte”. (DiGIANGREGORIO, s.d. *apud*: COSSARI, 2012, p. 87).

Ginzburg reconhece que, segundo suas análises da obra de Siegfried Kracauer, “a conciliação entre a micro e a macro-história não está em absoluto garantida”, pois, para ele, “existem fenômenos que só podem ser apreendidos numa perspectiva macroscópica.” Entretanto, o autor retoma o pensamento de

¹³ O quadro de oficiais subalternos era composto por advogados, médicos, professores, historiadores, à exceção de alguns militares de carreira em seus quadros de comando e estado maior, todos eram conscritos, civis convocados a servirem na guerra, muitos tinham entre 20 e 26 anos, entre soldados e oficiais, para os quais o treinamento durou 4 meses. (ROCHAT, s.d.).

¹⁴ O equipamento que estas tropas de elite, os soldados de montanha italianos partiram para as planícies: 4.800 mulas e 1.600 transportes motorizados sem armamento especial contra tanques, nem defesa antiaérea, as armas travavam devido ao congelamento, pois não havia óleo anticongelamento. (*Idem, Ibidem; op. Cit.*).

¹⁵ Documentário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1QTg1DUvdpk>

Kracauer, quando este faz referência ao pensamento de Marc Bloch, a respeito de:

[...] um continuo vaivém entre micro e macro-história, entre *close-ups* e planos gerais, a pôr continuamente em discussão a visão conjunta do processo histórico por meio de exceções aparentes e causas de breve período. Essa receita metodológica desembocava numa afirmação de natureza decididamente ontológica: a realidade é fundamentalmente descontínua e heterogênea. Portanto, nenhuma conclusão alcançada a propósito de um determinado âmbito pode ser transferida automaticamente para um âmbito mais geral (é o que Kracauer chama de “*law of levels*”). (GINZBURG, 2007, p 269).

E, para continuar a desenvolver este cenário de quebra cabeças a respeito dos elementos daquele cotidiano, além da “imaginação histórica”, “informações elementares” ou “coisas que devemos saber sobre o passado”, conforme Hobsbawm, recorreremos à proposta de Ginzburg em *O fio e os rastros*, em que nos baseamos para usar o conceito de “uma visão aérea/panorâmica”¹⁶ do campo de batalha para construir nossa perspectiva macroscópica. Abordando elementos como: estratégia, relações diplomáticas, economia, hierarquia, logística, especificações do equipamento e armamentos utilizados, identidade e especialidade do Corpo Alpino para tecer a narrativa a respeito do cotidiano e das vivências daqueles homens nas Planícies da Ucrânia de julho de 1942 a fevereiro de 1943, mais especificamente, na Frente do Don. Ou ainda como nos lembra Walter Benjamin:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. (BENJAMIN, 1987, p. 224).

Para construir essa panorâmica, precisamos analisar os detalhes particulares e recontar o processo e o ambiente históricos nos quais os

¹⁶ “Uma batalha é, a rigor, invisível (e não só por efeito da censura militar). Só um diagrama abstrato ou uma imaginação visionária como a de Altdorfer podem comunicar uma imagem inteira. Parece lícito estender essa conclusão a qualquer acontecimento, com maior razão a qualquer processo histórico: o olhar aproximado nos permite captar algo que escapa da visão de conjunto, e vice-versa.” (GINZBURG, 2007, p.267).

indivíduos vivenciaram aquelas experiências¹⁷, pois, “montamos e interpretamos nossa mostra escolhida de dados verificáveis (que pode incluir não só o que aconteceu, mas o que as pessoas pensaram a respeito) é outra questão.” (HOBSBAWM, 2013, p.9).

Outro paralelo a notar é entre essa “visão panorâmica” de Ginzburg e o papel de oficial-médico exercido por Bedeschi durante a campanha. Devido as altas baixas e a decorrente desorganização do Corpo Alpino durante os combates e a retirada, Bedeschi circulou bastante entre diversos regimentos componentes daquele Corpo de Exército, atuando e testemunhando múltiplos eventos numa ampla extensão do fronte e da coluna em retirada. Essa circulação conferiu ao italiano uma narrativa mais “panorâmica” aos eventos, não se limitando apenas aos eventos ocorridos em sua unidade de combate, a 13ª Bateria de Artilheiros Alpinos da Divisão *Julia*.

¹⁷ Como Ginzburg “propusera reconstruir o mundo intelectual, moral e fantástico do moleiro Menocchio por meio da documentação produzida por aqueles que o tinham mandado para a fogueira. Esse projeto, sob certos aspectos paradoxal, *podia* traduzir-se num relato capaz de transformar as lacunas da documentação numa superfície uniforme – falo de lacunas num sentido relativo, e não absoluto (a documentação histórica é sempre falha, por definição). Mas novas exigências de pesquisas criam novas lacunas.” (GINZBURG, 2007, pp. 265-420).

“[Há uma questão de] centro da micro-história: a de que os obstáculos postos à pesquisa sob forma de lacunas e distorções da documentação devem se tornar parte do relato [...] a micro-história aceita o limite explorando as suas implicações gnosiológicas e transformando-as num elemento narrativo.” (GINZBURG, 2007, p271).

CAP. 2 – MACRO-HISTÓRIA: GUERRA, ESTRATÉGIA E POLÍTICA

[...] nessa teoria mística da guerra, [...] exige-se do Estado desde já que ele se adapte, em sua própria estrutura e em seu comportamento, e delas se mostre digno, àquelas forças mágicas que ele precisa mobilizar durante a guerra. De outro modo, ele não conseguiria colocar a guerra a serviço de seus fins. (BENJAMIN, 1987, p.71).

Para compreendermos os componentes macro-históricos e fornecermos um suporte interpretativo à análise da fonte, bem como de que maneira este contexto relaciona-se com a narrativa sobre a experiência dos alpinos, é relevante ressaltar que a Historiografia soviética aborda o tema da Batalha de Stalingrado compreendendo-a territorialmente no eixo norte-sul, “a partir do alto do Don.” (SCOTONI, s.d.) ao norte da cidade.

2.1 - A Guerra do Eixo em 1942 e o Pacto de Aço

No verão de 1942 a Europa vivia a sensação de que a balança da guerra pendia para o Eixo que, mesmo após o fracasso da Operação Barbarossa no final de 1941 com enormes perdas de homens e materiais, durante a contraofensiva de inverno do Exército Vermelho, haviam conseguido manter um frente e solidificar suas posições durante a primavera. E já no verão de 1942, se encontravam na condição de tomar a iniciativa do ataque novamente. “A ofensiva seria desfechada visando os campos de petróleo do Cáucaso¹⁸, bem

¹⁸ “A ideia que preocupa o Führer é a do carburante. No momento de se lançar através dos espaços russos, ele verificou, não sem inquietude, que a frente se achava a quase 1.000 Km das fábricas de gasolina sintética do Reich e a mais de 400 km das refinarias da Romênia, regiões que se achavam, ambas, expostas aos ataques da aviação aliada, e ligadas a frente por ferrovias sobrecarregadas e interrompidas, frequentemente, pelos guerrilheiros.” (LÉDERREY, 1955, p. 138)

do Oriente Médio a partir de um ataque de paraquedistas alemães ao Iraque, seguido do avanço combinado das tropas da África do Norte e aquelas ao norte, vindas das montanhas do Cáucaso, e o “governo alemão até projetava para breve um ataque à Turquia.” (FREDBORG, 1945, pp.134-135). Segundo Marco Cimmino (2013), em 1942 este “grande movimento geomilitar, em pinças” ao norte pela ocupação do Cáucaso e ao sul pela captura do Egito e do Canal de Suez, alcançando, desta maneira, o Oriente Médio, segundo ele - portador de um “sentimento anti-britânico”, abrir-se-ia, uma janela estratégica para ação do Eixo na região. Pois, em agosto, já haviam

[...] as tropas de exploração de instalações petrolíferas – (destinadas a explorarem, não somente as jazidas de Maikop, mas, também, as de Baku e as da Pérsia), assim como um corpo expedicionário, encarregado de invadir este último país. Até então, o *OKH* (sigla em alemão para Alto Comando do Exército) havia ignorado a existência dessas forças especiais, organizadas, em segredo na Alemanha. [...]. A ocupação do Cáucaso oferecia, ainda, outras vantagens. Baku estava sobre a fronteira do Irã, presa fácil, cuja conquista poria a *Wehrmacht* em condições de cortar as comunicações entre o Golfo Pérsico e o Mar Cáspio, a mais importante via de transporte dos fornecimentos anglo-americanos à Rússia²⁰. Depois disso, era possível voltar-se contra o Iraque, a Síria e o Egito, a caminho do qual, na África do Norte, já se encontravam as forças de Rommel. Esse sério golpe desfechado contra a Grã-Bretanha, poderia ser complementado com uma ameaça às Índias, da qual os japoneses²¹ talvez participassem. (LÉDERREY, 1955, pp. 138-143).

²⁰ “Os algarismos divulgados, quanto aos suprimentos americanos enviados à União Soviética, revelam os seguintes itens: 17.000 aviões, 51.000 jipes, 400.000 caminhões, 12.000 veículos blindados de combate, 8.000 canhões anti-aéreos, 105 submarinos, 197 lanchas torpedeiras, 50.000 toneladas de couros, 15.000.000 de pares de botinas, 3.700.000 pneumáticos, 2.800.000 toneladas de aço, 800.000 toneladas de produtos químicos, 340.000 toneladas de explosivos, 2.600.000 toneladas de produtos petrolíferos, 4.700.000 toneladas de víveres e 81.000 toneladas de borracha. Não é exagero dizer que sem essa maciça ajuda americana, dificilmente poderia a Rússia ficar em condições de passar à ofensiva em 1943.” (WESTPHAL *in*: KREIPE (org.), 2005, pp. 121-122).

²¹ “Na primavera de 1942 [...] estrategistas nipônicos [estavam] desejosos de eliminar o poderio marítimo britânico no Oceano Índico e assim enfraquecer a capacidade da Grã-Bretanha e da China de guerrear na Birmânia; dessa forma, poderia lançar as bases de uma ofensiva japonesa contra o próprio Império Britânico na Índia.” (KEEGAN, 2006, p. 239).

A título de contextualização econômico-estratégica do equilíbrio de poder entre as potências do Eixo, vale lembrar que a Itália não possuía a capacidade industrial e nem a penetração econômica que sua aliada, pois,

[...] as pressões diplomáticas proporcionaram a Alemanha o controle de recursos vitais na Romênia, na Hungria, e na Suécia [e] Balcãs, onde a penetração econômica dos alemães se intensificara nos anos 1930. Acordos comerciais firmados [...] em 1939 e 1940 colocaram sob o controle do Terceiro Reich matérias-primas fundamentais. (MAZOWER, 2001, pp.151-156).

O acesso ao petróleo romeno é um exemplo. Essa posição de predominância desfrutada pela Alemanha explica-se pela

[...] razão de a Europa Central e do Sudeste serem os mercados ‘naturais’ alemães era seu fácil acesso pelo poder militar alemão. O rearmamento alemão e a penetração econômica alemã nessas áreas aconteceram simultaneamente [...] a Alemanha, ao comprar produtos locais (principalmente cereais e tabaco) para os quais não se podia achar outra via de saída lucrativa, assegurou não apenas um mercado para os produtos alemães, mas uma esfera de influência política. (CARR, 1981, pp. 125-126).

Ressaltamos, ainda, que a Itália, já em 1942, encontrava-se em débito com a Alemanha, que já ela havia interferido militarmente em seu auxílio em diversas oportunidades, devido ao fracasso da autoproclamada “guerra paralela à guerra alemã”, (DOLLMAN; *apud*: TOLAND, 1978, p.725), que Mussolini deflagrou em 1940 e 1941 na Grécia, nos Balcãs e na África do Norte, onde, segundo Hastings (2012, p. 124), mais de trezentos mil italianos caíram prisioneiros. Para Rochat (s.d.), “a Itália já se encontrava em escassez de tropas em decorrência das malfadadas campanhas na França, na África e nos Balcãs.”

Assim, a partir da perspectiva de uma guerra rápida e de uma vitória alemã, bem como da conseguinte reconfiguração político-econômica do continente²², com

A área de ocupação de Hitler na Europa [...] mostrou sinais de organizar-se, como outros sistemas imperiais, em círculos concêntricos de governo direto, domínio e hegemonia. Um império

²² Ver: Anexo 1: Relatório do diplomata italiano Luciulli, que passou um ano servindo em Berlim, e escreveu a Mussolini em 1942.

européu nazista parecia considerar a Itália, a França e alguns outros Estados não como províncias anexadas, mas permanecendo como aliados clientes numa relação hegemônica com o *Reich*. (WATSON, 2004, p. 397).

Neste sentido, vale ressaltar que Martin Wight, em sua obra *A política do poder*, traz à luz o relevante pensamento de G.F. Hudson:

Talvez não haja fator que leve um estado à guerra tão inexoravelmente quanto a constante perda de seu poder relativo. Mais cedo ou mais tarde, uma sensação desesperada de ‘é agora ou nunca’ se sobrepõe às avaliações de prudência; e a convicção de que a guerra pode ser ganha hoje, mas não amanhã, torna-se o mais convincente argumento de todos para uma chamada às armas. (HUDSON; *apud* WIGHT, 2002, pp. 136-137).

Portanto, para Di Giangregorio, o *Duce* reconhecia que

A situação que a Itália se encontrava criava paradoxalmente uma espiral dessa natureza: Via-se que a Alemanha Nazista alargava sua esfera de expansão, também a Itália se sentiu impelida a fazê-lo, entretanto, não somente por fome de conquista, mas porque acreditava-se que somente deste modo, com o peso de uma presença direta, podia garantir o reconhecimento dos próprios interesses da parte da aliança. (DiGIANGREGORIO, *Op. Cit.*).

Reconhecendo o equilíbrio de poder e a situação para qual o destino da Europa rumava a partir da perspectiva de uma vitória alemã, embalada pela ofensiva de verão de 1942 a leste e pelo avanço de Rommel no deserto, que desencadeou grande efeito psicológico, (FREDBORG, 1945, p. 137) o governo de Mussolini reconhecia que a única forma de partilhar dos furtos das conquistas do Eixo era mediante suas tropas, pois, “o Exército, enquanto parcela do Estado e de acordo com as ideologias dominantes, torna-se um fiel cumpridor das orientações e procedimentos demandados.” (RODRIGUES, 2015, p. 235). Assim, o governo recorreu ao recurso humano, pois, constatava que:

Não podendo competir com a força de penetração econômica e financeira praticada largamente pelo imperialismo alemão, a Itália objetivava a presença territorial, pela conquista militar, mesmo que isso implicava num medonho dispêndio e uma total dispersão das já fracas forças armadas italianas. [...] A decisão do Duce não nasceu de considerações estratégicas, mas do convencimento de que a abundância de combatentes era a única carta que o governo fascista podia jogar como mercadoria de escambo na balança com a Alemanha. O Duce sustentava que a Itália podia mobilizar mais

homens que materiais. Já a Alemanha, mais materiais que homens. (DiGIANGREGORIO, *Op. Cit.*).

Desta forma, em pleno avanço alemão no Fronte Leste no verão de 1942, Mussolini decidiu intensificar o engajamento italiano na guerra contra a União Soviética, aumentando ainda mais o contingente que lá se encontrava desde a Operação Barbarossa, em 1941. Uma das medidas foi aumentar o efetivo militar italiano na Rússia, o *CSIR*, que era composto por divisões motorizadas, algumas blindadas e contavam com certo apoio da *Reggia Aeronáutica*, e operava na frente do Don, junto com exércitos romeno, húngaro e algumas unidades alemãs, compunham o flanco norte das forças que atacavam Stalingrado. (DiGIANGREGORIO, *Op. Cit.*).

Assim, foi enviada uma nova força à Rússia, que, segundo Sani (s.d.), “utilizara armas e recursos que poderiam ter feito a diferença na África”, para ter um papel secundário na URSS. Essa força era composta por:

Todo um exército italiano, duzentos e trinta mil homens, estava alinhado à beira do Don. As divisões *Tridentina*, *Julia* e *Cuneense*, sessenta mil alpinos, formavam a ala norte do dispositivo que se estendia para o sul alinhando as divisões de infantaria *Ravenna*, *Pasubio*, *Cosseria*, *Torino*, *Celere*, *Sforzesca*, além da divisão *Vicenza* como reforço. (BEDESCHI, 1968, p. 40).

Este novo efetivo foi denominado *ARMIR*, sigla em italiano para Exército Italiano na Rússia, e deveria juntar-se aos veteranos do *CSIR*, que lá estavam desde 1941. E, assim, formar uma única força combativa, o “8º Exército Italiano, que respondia aos alemães do Grupo de Exército A, que incluía o 6º Exército, com a missão de atacar a leste dos rios Don e Volga.” (DAVIES, 2009, p.120).

2.2 - Análise ontológica da guerra: os conflitos e a sociedade

O estudo da guerra está vinculado à longa tradição que se inicia com Heródoto e Tucídides. Na historiografia grega, para Xenofonte²³ e Políbio, a guerra exercia um papel primordial na concepção que tinham da História e do tempo, pois determinava o ponto de inflexão entre o apogeu ou a decadência de uma fase para outra, nas mudanças temporais que atingiam os homens e suas cidades. A historiografia romana estabeleceu um lugar privilegiado aos fenômenos militares, pois estes haviam direcionado a cidade à sua grandeza, a dominação do mundo mediterrâneo e ao império.

Já na Idade Média, cronistas relacionaram os fenômenos militares com a insegurança geral promovida pelas invasões da Europa, entre os séculos V e XI. Com a passagem do milênio, a ideologia medieval subordinou a Guerra à perspectiva bíblica do Apocalipse e ao providencialismo cristão e deu a ela o significado do castigo divino.

No Estado absoluto, a guerra se destinou ao privilégio dos monarcas, assim como a fazenda pública e o fisco. É interessante ressaltar que neste período, a valorização da antiguidade clássica se tornou significativa, uma vez que os modelos greco-romanos tais como o enaltecimento dos grandes generais, ou a apologia do legionário romano como modelo de soldado ideal²⁴.

²³ Marco Cimmino (2013) compara a trajetória de retirada combativa dos alpinos com o episódio ocorrido com os mercenários gregos de Ciro. Que retornaram da Mesopotâmia combatendo, após fracassada sua campanha naquela região. Ver: Xenofonte: Anábase.

²⁴ Vale destacar que Maquiavel se ateve principalmente a pensar a política pura, ou seja, recusou a tratar a política e as questões políticas como questões éticas. No contexto em tema, ressaltamos o extremado realismo decorrente desta concentração ao fenômeno político puro-nu e cru. O que o leva a pensar no fenômeno militar, a presença sempre próxima do exercício da força e da violência como dimensões incortináveis da conquista, da manutenção e da preservação do poder político, conforme seu livro A arte da guerra. Esta obra pauta-se no *modus operandi* do Estado, que se atém a vários aspectos que são vinculados à ciência da guerra em geral. Através dessa reflexão de Maquiavel, observamos que a guerra ganhou o conceito amplamente difundido de continuação da política estatal. Embora a concepção de

Durante o século XIX, a guerra foi valorizada pelas historiografias Erudita, Positivista e Evolucionista em suas variadas vertentes dos grandes temas da História Política: O Estado, a formação do território, o estabelecimento das fronteiras, as relações entre os Estados, etc. Os fatos militares eram analisados sob a luz da investigação metódica, valorizados na medida em que reforçavam ou anulavam as determinantes do Estado, seu crescimento, apogeu e delírio. Sendo os dois principais modelos historiográficos da história militar, pensados por Clausewitz e Ranke.

Observamos então, que a guerra e a forma como é vista, não é como um fenômeno estático ou até mesmo linear e deve ser interpretada como categoria da História em constante mudança, e cada cultura dá a ela seu significado. Fizemos apontamentos no que diz respeito à tradição ocidental, perceba então que um conceito analítico não pode ser confundido com um conceito absoluto. A partir dessas ponderações, delimitamos o que seria a Guerra²⁵; no entanto, a interpretação de Florestan Fernandes é a de que:

A Guerra é um fenômeno humano. Não se pode dizer quando e como ela surgiu, no passado remoto da humanidade. Nem tampouco se pode presumir a que necessidades existenciais (Bio-psíquicas ou sociais) ela correspondeu originariamente. Até aonde alcança a investigação empírico-indutiva, através da reconstituição arqueológica, da reconstrução histórica, e da observação direta, a guerra se nos apresenta como um fato social, no sentido restrito de existir como uma das intuições incorporadas a sociedades constituídas. [...] Semelhante maneira de entender a guerra (e suponho que na sociologia não há outra maneira igualmente legítima) implica uma delimitação precisa na observação e na explicação desse fenômeno social. Os problemas concernentes à origem da guerra deixam de ser concebidos *in genere* e *in abstracto* para serem definidos concretamente, com relação a tipos sociais definidos. (FERNANDES, 1970, p.11).

Clausewitz seja mais contundente, fato é que a ideia é parecida em ambos, mas a estrutura de suas reflexões, não.

²⁵ De acordo com Funari, a guerra é um procedimento paranoico por excelência, pois se acredita que é matando o inimigo que se há de sobreviver: “O sujeito percebe o objeto como ameaça à sua própria existência, ameaça em si e para ilusória, mas psicologicamente real. A violência paranoica que se emprega na guerra é uma típica ilusão psicótica: matando o ‘Outro’- inimigo, o sujeito acredita vencer a morte. Em suma, a posição paranoica volta a equação elementar: TUA MORTE É MINHA VIDA.” (SÉMELIN, 2009, p.43)

Esta consideração nos remete, em um primeiro momento, a demarcar esse fenômeno humano. Como bem sabemos, não existe “guerra em geral”²⁶ tanto quanto não existe “casamento”, “produção”, “funeral” etc., mas sempre este ou aquele fato social se insere num determinado contexto histórico. Logo, somos destinados a definir quais os possíveis valores que a variável “guerra” pode assumir e de restringir seu campo àqueles conceitos que nos interessam.

Tal análise é necessária, uma vez que, na atualidade, diferente de outros momentos históricos, quando a palavra guerra, de certa forma, tinha um sentido mais claro, hoje, o conceito abrange um leque de significações e qualificações: a guerra contra as drogas, a guerra de guerrilha, a guerra contra a fome, a guerra ao terror, a guerra híbrida, etc.

O conceito que adotamos é de guerra ideológica/política (Segunda Guerra Mundial), ou seja, aquela classe de conflito que ocorreu entre as democracias liberais, fascistas/nacional-socialistas e comunistas, que começa a se desenhar logo após a Primeira Guerra Mundial. Esta delimitação do nosso objeto de reflexão coloca uma série de questionamentos e contextualizações pelos quais o Estado-nação passou, além das relações interestatais, e, que ainda passa neste início de século XXI. Desta maneira, entendemos que tais abordagens não serão necessárias nesse escrito, pois, analisaremos a guerra a partir de uma relação de diálogo entre diferentes pensadores que se dedicaram a refletir sobre o tema.

Guerras dos mais variados tipos ao passar dos tempos proporcionaram diferentes teorias, do porquê os homens lutam e se matam. As guerras napoleônicas, que abarcaram o espírito racionalista da Revolução Francesa,

²⁶ “Desde que homens e mulheres começaram a falar sobre a guerra, sempre foi em termos do certo e do errado. E quase todo esse tempo houve quem ridicularizasse esse tipo de conversa, considerando o assunto um exercício de vazio, insistindo que a guerra está além (ou aquém) da apreciação moral. A guerra situa-se numa outra realidade, na qual a própria vida está em jogo, a natureza humana é reduzida a suas formas elementares e prevalecem o interesse pessoal e a necessidade. Nessas circunstâncias, homens e mulheres fazem o que precisam fazer para salvar a si mesmos e a suas comunidades; e não há lugar nem para a moral nem para a lei.” (WALZER, 2003, p. 3).

levaram o oficial prussiano Carl Von Clausewitz a assegurar que a guerra é uma empreitada racional, isenta do sentimento humano. Segundo ele, a guerra não passa de uma continuação da política, no caso externa, e por outros meios, expansionista e colonial. Estados-nação seriam os grandes agentes no palco da História e a guerra a ferramenta mais ágil capaz de resolver seus interesses em contraposição a outros Estados-dinásticos, no caso em questão. “Aceitar a existência desse novo ser supremo, implica numa batalha bem mais perturbadora ou irracional do que, digamos, uma negociação comercial complicada.” (EHRENREICH, 2000, p.18).

Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial²⁷ houve grande reviravolta nas reflexões acerca dos princípios da guerra. Uma geração de pensadores assistiu horrorizada a um tipo de confronto entre nações, em proporções jamais vistas antes, em consequência principalmente do índice de mortos. Era difícil para pensadores como Sigmund Freud²⁸ aceitar esse conflito bárbaro sob prisma racional. Freud, por exemplo, afirmou que a guerra está ligada ao complexo componente humano, que se move para guerra através de impulsos irracionais e age na base de interesses, de opiniões e poder. A guerra está inserida no psicológico do homem, onde o desejo e a realidade estão em constante ebulição de interesses, de autopreservação e de destruição.

²⁷ A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) trouxe consigo terríveis inovações técnicas. O conflito estendeu-se a vários continentes. Foram utilizadas algumas armas de destruição indiscriminada como, por exemplo, o gás mostarda e outras técnicas que aperfeiçoavam a arte de matar, como o uso da aviação. A carnificina atingiu proporções jamais vistas em razão da guerra de trincheiras. Enfim, no bojo da guerra, se afirmaram novas ideologias, tais como o fascismo e o comunismo, que se opuseram, de certa forma, à liberdade do individual e aos direitos fundamentais.

²⁸ Freud demonstrou todo seu espanto frente ao horror da guerra afirmando que a época a qual está inserido - a Grande Guerra, é incomparável com qualquer outra, pois: “O indivíduo que não se tornou combatente, transformando-se assim numa partícula da gigantesca máquina bélica, sente-se embaraçado na sua orientação, obstruído na sua capacidade de realização. Ser-lhe-á, pois grata, a meu ver, toda a sugestão, embora pequena, que lhe facilite a orientação, pelo menos no seu íntimo próprio. Entre os fatores responsáveis da miséria anímica dos que ficaram em casa, e cuja superação lhes levanta problemas tão árduos, gostaria de realçar dois, que neste lugar vou abordar [...]” (FREUD, 2009, p.5).

A maior parte desses pensadores enfatiza que a Grande Guerra iniciara a partir do conflito entre “estados imperialistas” que concorriam entre si. Esta interpretação clausewitiziana não tem muita ligação com a série de desastres, erros graves e falta de comunicação que levou nações europeias a guerra no verão de 1914.²⁹ Por outro lado, há forte vinculação da guerra ao “instinto agressivo do homem”, inerente a todos os seres humanos. Em um primeiro instante, as ideias aqui presentes tentam mostrar que, existindo ou não um instinto agressivo, há motivos para rejeitá-los como sendo a principal causa da guerra:

É verdade que até chegar ao ponto de ódio mortal, os impulsos assassinos podem ser maior motivação numa batalha, mas esta afirmação precisa ser avaliada considerando-se os diversos tipos de armamentos e formas de luta. No combate corpo a corpo, o ódio e a agressividade podem ser realmente uma exigência imprescindível no mínimo, para mobilizar os músculos para a ação. [...] Segundo um famoso historiador americano Robert L. O’Connell, a mudança na personalidade do guerreiro ideal formou-se com o aparecimento de canhões no século XV e XVI: o guerreiro ideal passou da “agressividade feroz” para o desprezo passivo. Portanto, não existe um modelo de personalidade “temperamento irascível” “macho” ou outra coisa do gênero associado ou total e concretamente com a guerra. (EHRENREICH, 2000, p.17).

A luta em si é apenas um dos fatores da empreitada complexa denominada guerra. As guerras não são como grandes rixas ou conflitos banais. Na guerra, o confronto homem a homem se desenrola nas batalhas, além de provocar, claro, uma enorme ansiedade enquanto se aguarda que essa comece e termine. Engana-se quem pensa que as guerras têm início nas batalhas e costumam ser decididas por elas. Pelo contrário, grande parte das guerras

²⁹ Assim, num resumo impreciso, são essas teorias que as guerras modernas nos deixaram: embora arriscadas, elas são uma forma através da qual os homens procuram resolver seus interesses coletivos e melhorar suas vidas. Ou então: a guerra se baseia em impulsos irracionais não muito diferentes daqueles que levam algumas pessoas a cometerem crimes violentos. Em nossa época, a maioria das pessoas acredita nas duas teorias e acha que a guerra é empreitada vantajosa que tem por finalidade atender as necessidades psicológicas profundas e irracionais. Não há dúvida sobre a primeira parte dessa afirmação de que as guerras têm por finalidade, pelo menos aparentemente, garantir itens indispensáveis como terra combustível ou vantagem geopolítica. O mistério está no fascínio psicológico que a guerra exerce sobre nós.” (EHRENREICH, 2000, p.18).

consistem na preparação para a batalha - treinamento, organização de suprimentos, marchas de aproximação ou deslocamentos, por outras formas de combate, ou até mesmo a inteligência na guerra:³⁰

Vai ser, portanto, a própria guerra que, por um poderoso efeito de retorno, modificará profundamente o treinamento dos soldados durante o conflito, ao custo, aliás, de um considerável endurecimento da preparação deles. Foi o que se deu com todas as classes convocadas no decorrer da Grande Guerra, mas o retorno de experiência sobre o treinamento combatente atuou de novo por ocasião do segundo conflito mundial, assim como mostra, por exemplo, o treinamento implacável, e muitas vezes mortal, das tropas alemãs levadas a combater na frente Leste, ou dos Marines treinados para combater no Pacífico ou no Vietnã. [...] (ROUZEAU, 2008, p.374).

Fato é que não há nenhum instinto imaginável que leve um homem a sair de sua casa, raspar a cabeça e ficar treinando durante horas ao longo de dias, semanas e meses durante um estado de prontidão. Em outras palavras, segundo Ehrenreich (2000), a guerra é uma atividade coletiva e muito complexa para ser creditada a um instinto guerreiro latente no psiquismo individual. O instinto pode ou não aflorar no homem, como no momento de ataque à baioneta ao primeiro inimigo que encontrar pela frente. Mas o instinto não mobiliza as linhas de suprimento, não fabrica fuzil, não distribui uniformes e nem desloca um exército de homens.

Na verdade, ao longo da História, muitos homens quase se suicidaram para não participarem de guerras, fatos que os defensores do instinto guerreiro tendem a menosprezar. Homens fugiram de seus países, passaram longos períodos na prisão mutilaram membros de seus corpos deram tiros nos pés ou nos dedos fingiram estar doentes ou loucos ou, quando tinham condições financeiras, pagaram para outros lutarem no lugar deles. [...] (EHRENREICH, 2000, p.18).

Quem defende um instinto guerreiro, deve admitir que mesmo quando os homens se alistam de forma voluntária ou não para a guerra, não é algo a

³⁰ Ver: KEEGAN, 2006. A tese do livro se pauta na ideia de que, na guerra, a inteligência, por melhor que seja não é um guia infalível para a vitória. A vitória é um prêmio fugidio, obtido mais com sangue do que com cérebros. A inteligência é a serva, não a amante, do guerreiro. Embora estejam presentes, nesta obra, estudos a respeito do importante papel da interceptação e análise de informações aos inimigos, como a quebra de códigos de guerra, a exemplo da máquina Enigma, presente nos submarinos alemães que teve seu código quebrado após um exemplar ter sido capturado pelos aliados.

que reagem com naturalidade. No campo de batalha, muitos combatentes por incrível que pareça, não conseguem mirar suas armas diretamente para um inimigo. Qualquer sargento instrutor pode confirmação tal afirmação, há um espaço que separa o homem, de um rapaz comum de um atirador de confiança. É necessário que haja uma mutação: o homem ou rapaz abandona seu antigo comportamento e torna-se completamente diferente, chegando até a assumir um novo nome.

O livro Nada de novo no Front, Erich M. Remarque traça a dimensão do que pode ser a guerra para um jovem, além de mostrar essa transição que há entre a imaturidade e a maturidade, a qual foram submetidos os jovens ao se deparem com a guerra:

- A Guerra arruína-nos para tudo.

[...] Não somos mais juventude. Não queremos mais conquistar o mundo. Somos fugitivos. Fugimos de nós mesmos, e de nossas vidas. Tínhamos dezoito anos e estávamos começando a amar a vida e o mundo e fomos obrigados a atirar neles e destruí-los. A primeira bomba, a primeira granada, explodiu em nossos corações. Estamos isolados dos que trabalham da atividade, da ambição do progresso. Não acreditamos mais nessas coisas; só acreditamos na guerra. [...]. Desde que estamos aqui, nossa vida antiga nos foi cortada, sem que tenhamos contribuído para isto. Muitas vezes, procuramos um motivo, uma explicação, mas não conseguimos achá-los. Justamente para nós, que temos vinte anos, as coisas são particularmente confusas, para chama 'juventude de ferro'. Os soldados mais velhos possuem laços firmes com o passado; têm mulheres, filhos, profissões e interesses já bastante fortes para que nem a guerra possa destruí-los. Nós os de vinte anos, no entanto, temos somente nossos pais; alguns, uma garota. Não é muito porque a influência dos pais é mais fraca, e as mulheres ainda não nos dominam. Além disso, que mais havia para nós? Algumas paixões, um pouco de fantasia e a escola; nossas vidas não iam mais longe. E, disto tudo, nada sobrou. (REMARQUE, 1981, p.25).

Não descartamos a ideia de que matar seja algo estranho a natureza humana, precisamente a personalidade masculina. Há incontáveis casos de homens e mulheres capazes de matar, por impulso ou mesmo por prazer. Mas há diferença tremenda entre uma guerra e uma simples briga. A guerra não só diverge do habitual, mas ainda inverte tudo que é moral e direito: na guerra,

deve-se matar, saquear, queimar cidades e plantações e até talvez estuprar mulheres e meninas.³¹

Na guerra, os homens passam a outro tipo de existência humana, tão distante da vida cotidiana quanto a tudo a que chamamos de sagrado. Tanto que o século XX foi o das duas grandes guerras mundiais, de guerras coloniais, de ideológicas como os anos de Guerra na Coréia e décadas de conflito no Vietnã, no auge da Guerra Fria, além de guerras civis, de cunho étnico-religioso, principalmente na África descolonizada.

Isso demonstra que os seres humanos podem aprender a viver nas condições mais brutalizadas e teoricamente intoleráveis. E, não é fácil apreender a extensão do regresso, cada vez mais rápido, que de um barbarismo pleno.³² Apesar deste colapso civilizatório no século passado, a humanidade sobreviveu e as guerras continuam, após o “breve século XX”, no Oriente Médio e na África, não mais com exércitos nacionais, mas com mercenários contratados por grandes empresas ou milícias inspiradas por identificações fundamentalistas étnico-religiosas. Neste mesmo século, a guerra e o alinhamento para o conflito relacionou-se com o sentimento nacionalista

³¹ A Alemanha com o fim Segunda Guerra Mundial se viu destruída e ocupada pelas forças aliadas que trouxeram consigo todo o ódio e revolta contra as arbitrariedades cometidas pelos nazistas ao longo de suas ocupações, o resultado foi uma onda de estupros contra mulheres alemãs, que durante longo tempo foi silenciada pela história. Sylvia Lenz, nesse trecho sintetiza bem o que as mulheres alemãs passaram: “Durante anos, as mulheres realizaram o árduo trabalho apesar do sofrimento causado por traumas da guerra, inúmeras perdas, morte ou retorno tardio de maridos, noivos e namorados com sua anulação como prisioneiros de guerras, do impacto destas separações nas famílias. Em meio à escassez de tudo – comida, infra-estrutura, moradia, é admirável que as mulheres alemãs, sem infra-estrutura, moradia, sem parceiros, com filhos para criar, sujeitas às arbitrariedades dos aliados, tenham viabilizado a reconstrução do país. Isto em meio ao silêncio pessoal, como vítimas dos estupros, da violência e arbitrariedade das tropas de ocupação. A maioria morreu antes da reunificação alemã e levou o sofrimento para o túmulo.” (LENZ, 2012, p.114).

³² No ver de Todorov, a barbárie e a civilização são características intrínsecas aos seres humanos, e afirma ser ilusório tentar identificar um período específico da história da humanidade, uma região qualquer do planeta como um exemplo de barbárie ou civilização. Pois “nenhuma cultura traz em seu bojo a marca da barbárie, nenhum povo é definitivamente civilizado; todos podem tornar-se bárbaros ou civilizados. Esse é o caráter próprio da espécie humana.” (TODOROV, 2010, p. 65).

movidos por ideologias afins, que forjam a força unificadora dos Estados contemporâneos, oferecendo aos homens tanto uma crença transcendental como uma razão material.

Hoje, até em tempos de paz, o aspecto religioso³³ da guerra se manifesta em toda parte do mundo. Haja em vista os grandes chefes de Estado, não vão a lugar algum sem uma escolta de tambores ruflando e soldados em guarda. A posse de presidentes, a coroação de reis, a comemoração de feriados nacionais, todos esses eventos requerem a presença do soldado como um complemento do cerimonial. Mesmo Estados sem Forças Armadas, como o Vaticano, há a Guarda Suíça, como protocolo e indumentária medieval atuando como segurança contemporânea do Papa e dos cardeais. Os sentimentos humanos fazem parte de tudo que gostaríamos de saber sobre a guerra ou certas guerras, por que cada uma delas começa ou termina. Agora sobre as “causas” da guerra em geral, ou de qualquer uma em particular, acreditamos que, quanto mais procuramos as causas, mais descobrimos que cada causa ou série de causas descobertas nos parecem permeadas de insignificância comparada com a magnitude do fato.

³³ Para um maior entendimento sobre esta questão relacionada a guerra e a religião e suas semelhanças ver: EHRENREICH, Barbara. Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000; p.21-29.

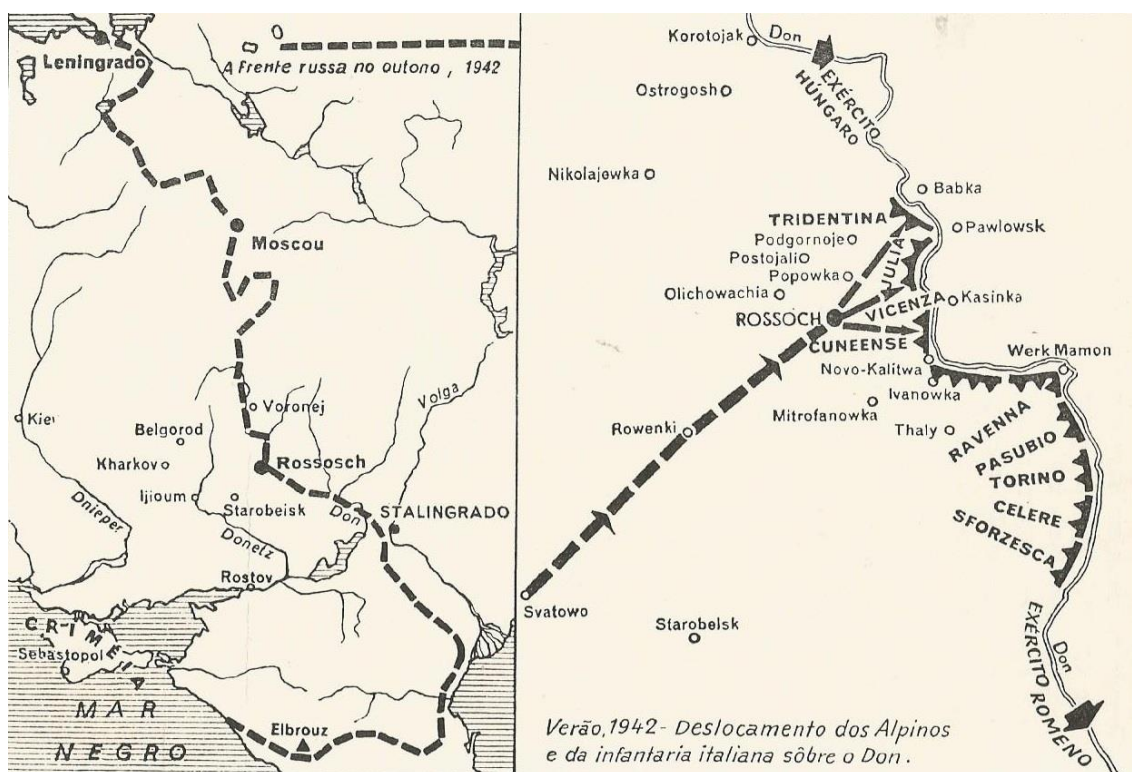
CAP. 3 - O FRONTE ALPINO

“Aqueles homens que compunham um todo com a montanha, a conhecem e possuem os íntimos segredos das rochas, viviam por companhias e baterias inteiras lá onde o próprio falcão é desalojado pelo inverno.” (BEDESCHI, 1968, p. 25).

3.1 – A trajetória até o Rio Don

De um contingente de 230 mil homens do *ARMIR* (Exército Italiano na Rússia), 60 mil faziam parte dos quadros das três divisões alpinas: *Julia*, *Cuneense e Tridentina*. (REVELI, 1993; *apud*: HAMILTON, 2011, p. 298). Estas tropas de elite, especialistas em terreno montanhoso e equipadas para tal meio, acabaram combatendo nas planícies do Rio Don, no fronte ao norte de Stalingrado, entre 1942-1943. Antes mesmo da luta, os alpinos tiveram ainda de desembarcar do trem de carga que os trouxera da Itália e percorrer marchando em meio às estradas lamacentas da Ucrânia os últimos trezentos quilômetros que os separavam das posições. (DiGIANGREGORIO, *Op. Cit.*).

Entretanto, a notícia de mais uma campanha para estes soldados italianos lutarem não foi bem recebida pelas tropas, pois foram estes homens aqueles que seriam mandados para morrer em guerras alheias e em condições precárias. Eles sabiam do que falavam, pois já eram veteranos de campanhas anteriores na Grécia, Albânia e Alpes Franceses. (*Idem*, *Op. Cit.*).



MAPA N. 2: O avanço do Eixo no leste, em 1942 e a marcha de aproximação dos alpinos até a frente e a disposição do fronte do Don. (Fonte: BEDESCHI, 1968, p. 284).

A exemplo de uma carta de protesto, mais um documento no texto de Bedeschi, escrita pelo coronel Garri, da Divisão *Julia* do Corpo Alpino Italiano. Endereçada a altos oficiais na Itália:

A *Julia* foi retirada do fronte grego com o intuito preciso de ser empregada nas montanhas do Cáucaso, e na transferência para este fim já sacrificou, com o afundamento do Galileu, o sangue de um batalhão inteiro e parte do comando de um regimento alpino. Na previsão de um adequado emprego nas montanhas, as tropas renunciaram às licenças concedidas aos mateiros, mineiros, carvoeiros, etc., que tanto contribuíram para a formação de nossos efetivos. Os especialistas da montanha estão concentrados em massa nas divisões alpinas, o que indica taxativamente, para fins de rendimento, um emprego específico em terreno montanhoso. A Itália, que se encontra empobrecida de mulas, forneceu com grande sacrifício às tropas enormes quantidades de material e equipamento especializado, precioso e insubstituível, sendo, portanto, justo esperar uma utilização racional dessa força.

O emprego destas tropas na planície expõe-nos a terríveis consequências, impedindo, pela simples natureza do terreno, que elas possam desenvolver as características materiais e morais que em terreno montanhoso as tornam verdadeiramente excelentes. A guerra na planície exige um treinamento exatamente oposto ao que elas receberam, transtornando, logo de início e de maneira desastrosa, todas as suas concepções de combate. O equipamento recebido resultaria completamente inadequado, e o sistema de reabastecimento de víveres e munições a dorso de mulas logo as mergulharia em insuperáveis dificuldades. Seu próprio armamento, composto de

obuses de montanha e morteiros leves, reduziria a proporções irrisórias sua capacidade ofensiva diante de peças de campanha de alcance muito maior, ao passo que na defesa estariam em condições de inferioridade total, privadas como se acham de carros blindados e canhões anti-tanques [...]. (BEDESCHI, 1968, pp. 26-26).

Na carta, que custou sua exoneração e o retorno a Itália, o militar expressou veementemente sua oposição à decisão de utilizar tropas de elite especializadas em guerra de montanha em uma planície adequada à guerra de movimento.

3.2 - O combate

Nossas cordas, nossos machados de gelo, nossas botas com pregos, e nossas mulas não vão ser necessárias onde estamos indo. Estamos equipados para as montanhas, mas temos de obedecer ordens superiores. Lá às margens do Don, vamos fazer valer nosso *motto*, '*di qui non si passa*' (daqui ninguém passa). (CUCCHIETTI; *in*: RAVELLI; *apud*: HAMILTON, 2011, p.28).

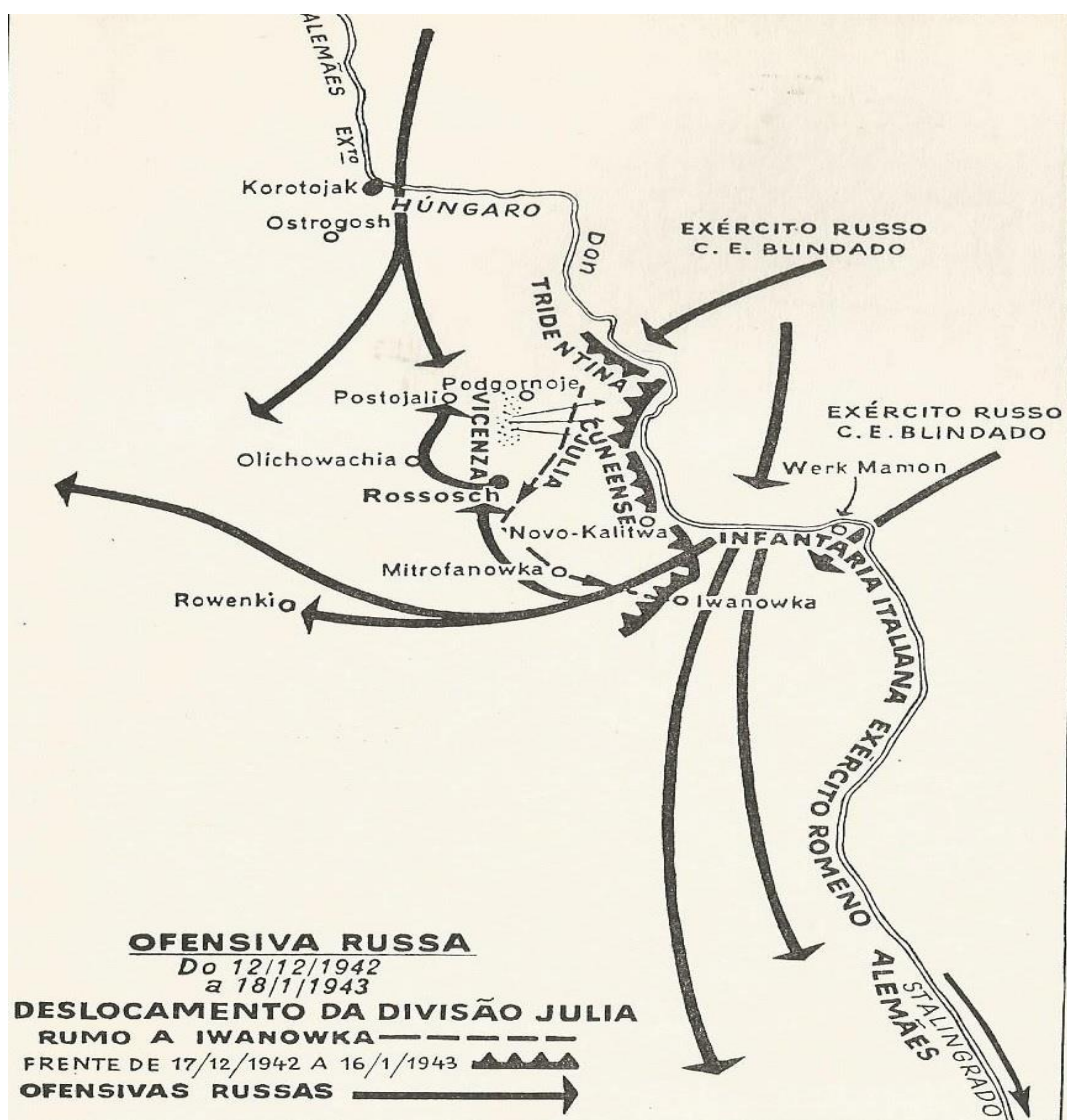
A Operação Urano, desfechada em 19 de novembro pelo Fronte do Don³⁴, do general Rokossovsky, que contava com mais de um milhão de soldados e mais de oitocentos tanques. Lançados contra as linhas guarnecidas pelos soldados de infantaria regular italiana, húngaros e romenos, tinha como objetivo cercar o grosso das forças alemãs do 6º Exército e do 4º Exército de Panzers, na cidade de Stalingrado, ao sul. Segundo o general alemão Günther Blumentritt:

Ao Norte e a Oeste do bolsão, os russos haviam ampliado a frente de sua ofensiva de inverno. O Exército Húngaro, a esquerda dos italianos foi atacado e derrotado. Mais ao Norte ainda, o II Exército Alemão sofreu sorte idêntica. (BLUMENTRITT *in*: KREIPE, 2005, p. 228).

³⁴ Designação do Exército Vermelho que correspondia a Grupo de Exércitos. (Fonte: A batalha de Stalingrado. Direção: Vladimir Petrov. 1949. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V9tO7GF8pnY>>. Acesso: 29/02/2016.

O general alemão, comandante do setor guarnecido pela infantaria italiana que veio a sofrer os ataques soviéticos, contou com os alpinos em situações de risco:

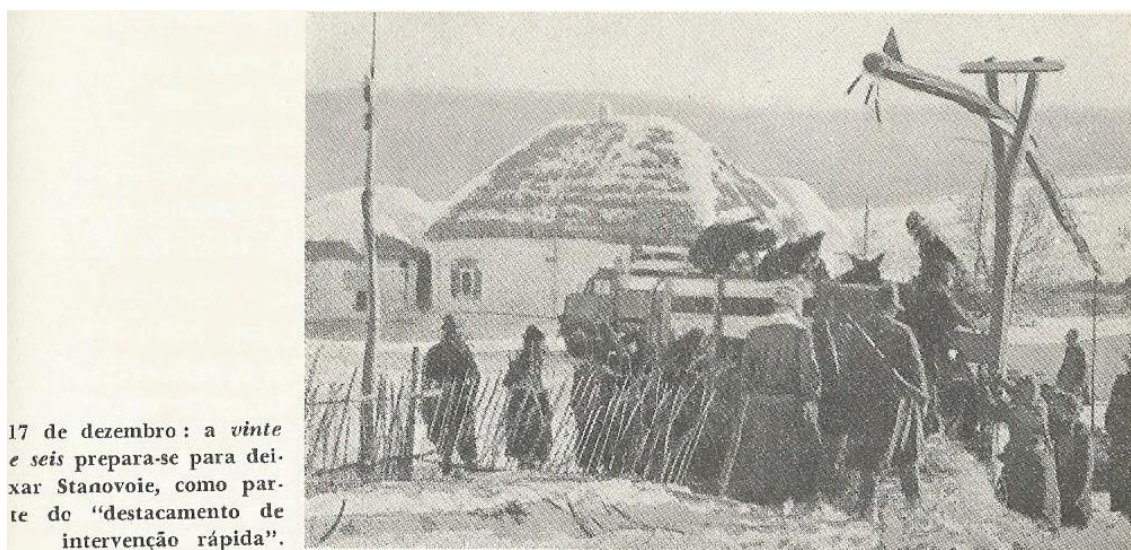
Toda uma divisão italiana batera em retirada às carreiras. Imediatamente, tomei providências necessárias, fechando a brecha [por onde já havia passado o grosso dos exércitos de tanques soviéticos, denominados Exércitos de Choque] com uma divisão alpina e parte da 6ª Divisão alemã. (HART, 1975, p. 256).



MAPA N. 3: Mapa mostra o assalto soviético no setor do Don e o deslocamento da Divisão Julia, para cobrir o rombo no frente, combateu no meio da estepe, longe dos abrigos. (Fonte: BEDESCHI, 1968, p. 285).

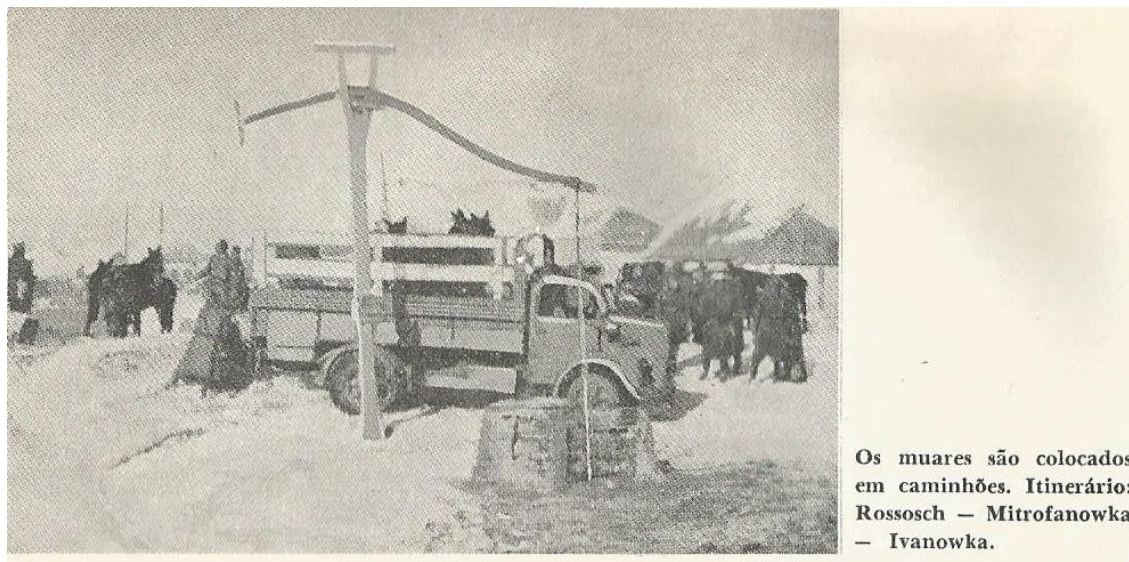
A divisão alpina italiana designada como “intervenção rápida” e com a missão de fechar a brecha à qual Blumentritt referiu-se, foi a Divisão Alpina *Julia*, na qual serviu Giulio Bedeschi. Como integrante do primeiro destacamento alpino de duzentos homens a chegar ao setor, o italiano relata o momento da chegada dos alpinos em Ivanowka, a 17 de dezembro de 1942. Em seu livro, Bedeschi dá voz a um coronel do estado-maior da infantaria regular italiana que ali se encontrava:

Os russos atacaram há cinco dias as divisões *Cosseria* e *Ravenna* que mantinham este setor do fronte. Conseguiram atravessar as primeiras linhas e apoderar-se dos depósitos de víveres e munições. Em seguida varreram nossas duas divisões com três corpos de exércitos blindados e penetraram fundamente em nossas retaguardas. Nem sabemos bem onde eles se encontram agora, nem quais são seus objetivos. Ignoramos a sorte do 24º corpo de exército blindado alemão que nos foi enviado como reforço. Aqui, de qualquer modo, não há mais frente. Receamos que os russos estejam preparando para lançar novas tropas através dessa brecha.... Vossa missão é justamente obturá-la. (BEDESCHI, 2968, pp. 58-59).



17 de dezembro: a *vinte e seis* prepara-se para deixar Stanovoie, como parte de “destacamento de intervenção rápida”.

IMAGEM N. 3: Alpinos da *Julia*, que compunham o “destacamento de intervenção rápida”, preparam-se para partir rumo a Ivanowka, após o sucesso do Exército Vermelho em romper as linhas defendidas pela infantaria italiana. (Fonte: BEDESCHI, 1968).



Os muares são colocados em caminhões. Itinerário: Rossosch — Mitrofanowka — Ivanowka.

IMAGEM N. 4: Carregamento das mulas da *Julia* em caminhões, para cumprir mais rápido o traslado até a brecha na linha de frente. (Fonte: BEDESCHI, 1968).

Para pensar as condições de penúria e dor as quais estes soldados foram expostos nesta dura batalha, recorreremos ao texto “O corpo e a guerra” de Audoin-Rouzeau, parte da coletânea *História do Corpo* (2008):

[...] a campanha contínua consistiu a experiência primeira da maioria dos combatentes ocidentais, particularmente no decurso do período em que o combate foi precisamente uma experiência social de massa. Houve consideráveis consequências somáticas. Observemos em primeiro lugar o esgotamento físico dos combatentes mergulhados nessas fornalhas a ‘batalha’ moderna prolonga, com efeito, interminavelmente a duração do *stress* dos combatentes, reação ao mesmo tempo física, fisiológica e psicológica que tem por fim mobilizar todas as capacidades de um indivíduo em situação de perigo vital, mas que, prolongada além das possibilidades humanas, provoca um esgotamento irrecuperável. Os combatentes se viram deste modo diante de experiências corporais e psíquicas sem precedente algum na história da atividade bélica ocidental. (AUDOIN-ROUZEAU, 2008, pp. 380-381).

As experiências vividas nesses dias difíceis aparecem com detalhes no escrito de Bedeschi. Os alpinos lutaram, enfrentando duríssimas condições, de forma que, mantendo o fronte por trinta dias de combates ferozes até 16 janeiro de 1945, contra um inimigo superior em homens, meios e suprimentos. E num meio inóspito, com temperatura hostil de mais de -40°C e congelamentos

decorrentes, os alpinos resistiram entrincheirados na planície aberta em Ivanowka. Situações que mostram que a vontade de resistir à aniquilação chegava a produzir momentos de bravura e heroísmo, como no caso de ataques frontais de alpinos desarmados investindo contra tanques:

– ‘Todos os que ainda estão vivos, ao assalto! Meu grupo à baioneta.’
– rugiu então o coronel Verdotti, empunhado seu revólver. [...] ‘ - Abandonar tudo! Todos ao assalto.’ [...] metralhadores desarmados, homens da intendência, telefonistas, enfermeiros, muleteiros, médicos, condutores de veículos, artilheiros sem peças, infantes sem cartuchos, doentes que se arrastavam, feridos arquejando e tropeçando saídos dos postos de socorro, armados de baionetas, granadas, paus e facas, brandindo carabinas a modo de clavas; fantasmas assustadores que rompiam em massa compacta em direção ao inimigo, deixando para trás apenas os moribundos e os mortos [...].

Caíram sobre os russos furiosamente, atacando-se a eles, e não podendo fazer outra coisa empenhando-se com eles em luta de morte, diante de tanques que rasgavam a neve e as carnes. Atiravam-se as blindagens, caíam sob as lagartas empastadas de carne e sangue, logo substituídos por outros que por fim logravam erguer os postigos da torre e atirar-lhes granadas por dentro, torcer em furibundas coronhadas os canos das metralhadoras. (BEDESCHI, 1968, pp. 168).

Pela participação nesta batalha, segundo Di Giangregorio, o tenente Ugo Piccinini, de 22 anos, comandante de um regimento de fuzileiros alpinos, recebeu postumamente a mais alta condecoração militar italiana - a Medalha de Ouro do Valor Militar, por ter liderado seus homens num ataque contra tanques, usando rifles e granadas.

Entretanto, enquanto os alpinos resistiam em Ivanowka, na frente do Don, mais ao sul e ao oeste, as pinças do Exército Vermelho se fecharam, cercando, assim, os remanescentes da defesa do Don juntamente com o 6º Exército Alemão em Stalingrado.

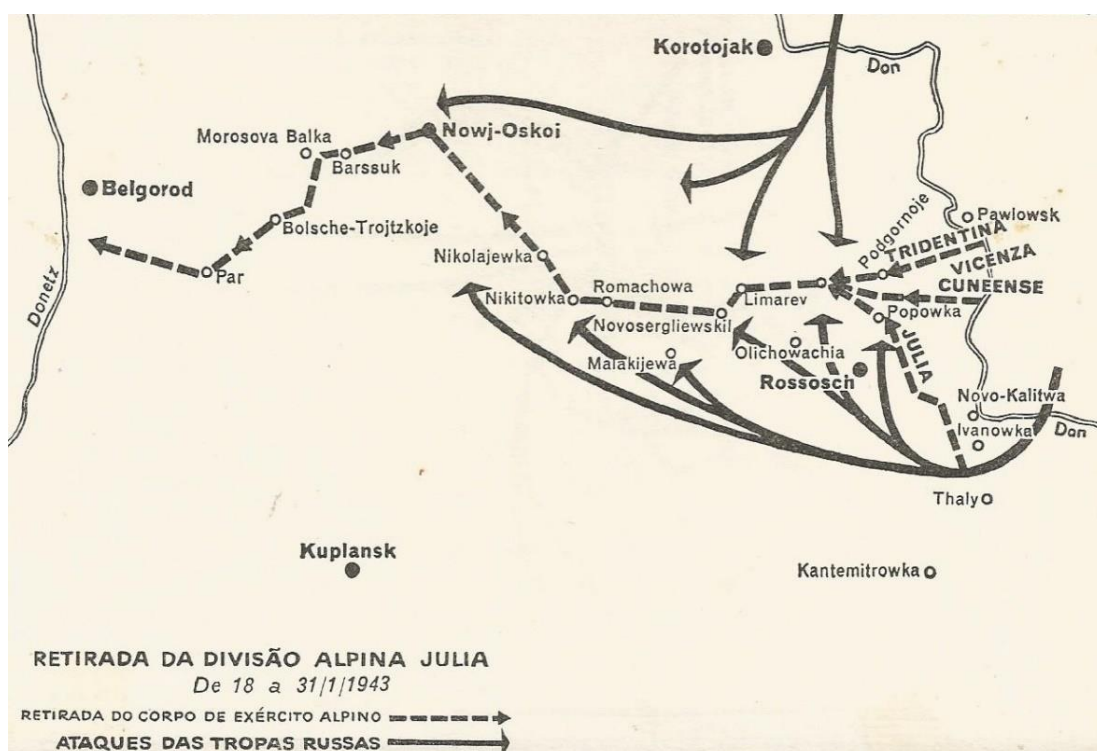
3.3 - A marcha de retirada

O abandono e o silêncio profundo, volta e meia interrompidos pelo troar surdo dos canhões, eram reforçados pela impressão triste da destruição. Mochilas rasgadas, fuzis quebrados, farrapos de roupa e, no meio de tudo, em contraste terrível, um brinquedo de criança, detonadores de granada, crateras profundas dos projéteis explodidos, garrafas, equipamentos de colheita, livros em frangalhos, utensílios domésticos amassados, buracos cuja escuridão misteriosa denunciava a existência de um porão, no qual talvez os cadáveres dos moradores infelizes da casa fossem roídos pelos ratos [...].
(JÜNGER, 2013, p. 47).

Após o sucesso esmagador da Operação Urano e o cerco das tropas em Stalingrado, o Exército Vermelho desencadeou a Operação Pequeno Saturno, em fins de dezembro e meados de janeiro de 1943. O objetivo era cercar as três divisões alpinas que resistiam ao norte. No dia 16 de dezembro, “alguns carros de combate russos surgiram em Rossoch, na retaguarda do Corpo de Exército Alpino, que estava sendo atacado frontalmente pelo 3º Exército da Guarda Soviético [tropas de elite].” (LÉDERREY, 1955, p. 221), do general Dmitri Leyushenko. Segundo Máximo Sani (1983), a comparação de forças era favorável aos soviéticos na escala de seis para um em relação à infantaria, quinze para um em relação à tanques e duzentos para zero em relação à lança-foguetes.

Assim, sem possibilidades de continuarem a resistir e manter o fronte, os homens viram-se na iminência de um cerco soviético e a subsequente captura e transferência para os campos de prisioneiros. Veio a ordem de retirada, e entre 18 e 19 de janeiro, segundo Bedeschi, os alpinos iniciaram a marcha. A coluna começou a formar-se rumo ao oeste, até o Donetz. O ex-tenente descreve as condições às quais o corpo humano foi submetido durante essa retirada, pois, como médico, ele lidava com feridos:

Sucedem coisas incríveis; eu nem sequer imaginava que a resistência humana pudesse chegar a tais limites [...] O frio ainda nos impediu de dormir à noite passada; há cinco dias que não comemos, há seis que estamos marchando... e isso sem falar nos combates. [...] Os feridos, seus ferimentos estão abertos, alguns tem chagas enormes que não posso tratar de maneira alguma... e contudo não noto o menor sintoma de infecção, nem as hemorragias se apresentam serias. Sem dúvida, a temperatura a menos de trinta ou quarenta graus os preserva. Eles vivem chupando gelo. [...] Mas as alterações nos tecidos acentuam-se. Há os que têm os ossos das mãos e dos pés descobertos, ou os dedos caindo aos pedaços. Se conseguirem chegar até um hospital, diversos terão de ser amputados. (BEDESCHI, 1968, p. 192).



MAPA N. 4: Mapa mostra o trajeto da coluna dos cem mil, remanescentes dos Exércitos Romeno, Húngaro, Italiano e Alemão, em retirada desde a frente do Don, rumo a Oeste. Estendeu-se por 700km percorridos, em sua maioria, pelos campos e estepes congeladas. As estradas eram evitadas devido à presença de tanques russos. Encabeçada pelas divisões alpinas, lutaram em onze batalhas para romper as tentativas de cerco do Exército Vermelho, que empregava além dos tanques, aviões e guerrilheiros. A maioria da coluna estava desarmada. (Fonte: BEDESCHI, 1968, p. 286).

À medida que a marcha se prolongava, além das baixas devido ao frio e aos ataques inimigos, com objetivo de cercar a coluna, Bedeschi destaca outro flagelo que assolava os homens e cobrava suas vítimas, a fome:

Punham-se a dar voltas em redor da *isba* [choupanas], dos estábulos, dos currais de porcos, à procura de montes de estrume. Quando encontravam punham-se de joelhos, enterravam as mãos crispadas na neve alta, escavavam-na até a camada de estrume, revolvendo-a como porcos enlouquecidos, a fim de retirar as beterrabas e os nabos podres que a moça da herdade, no tempo do calor, para ali trouxera preguiçosamente, às carradas [...]. (BEDESCHI, 1968, p. 200).

[E na hora do repouso, deitados nos casebres] os soldados estavam nervosos e não conseguiam adormecer. Se algumas horas de repouso não fossem indispensáveis às mulas, eles teriam preferido partir a ficar estendidos nas *isbas*, mastigando reboco das paredes e chupando fibras de madeira. (BEDESCHI, 1968, p. 252).

Depois de meados de dezembro até fim de janeiro, quarenta e cinco dias de uma vida sem esperança, arrebatados de hora em hora ao frio, à morte, ao absurdo de semanas de luta no fronte somados a retirada de “quinze dias em cerco, onze combates e setecentos quilômetros percorridos a pé na neve, os homens [...] gozaram pela primeira vez de sono tranquilo e repousante.” (BEDESCHI, 1968, p.263). Aqui fazemos alusão às reflexões de Audoin-Rouzeau, no que concerne as penúrias das marchas sobre o corpo dos combatentes:

A marcha, que se torna ainda mais cansativa pelo peso do armamento e da mochila, ficou sendo, [...], uma das grandes provas de combate do século XX. [...] e nenhum dos modernos meios de transporte do século XX pode dispensar os combatentes da terrível prova das marchas intermináveis nas zonas de combate ou para chegar em suas imediações. [...] A derrota, grande fator de desmodernização das forças armadas, só deixa a marcha como solução para os soldados que procuram evitar serem capturados [...] após as grandes derrotas de 1943 constituíram imensas provas corporais para os soldados que as suportaram. (AUDOIN-ROUZEAU, 2008, pp. 381-382).

Em março de 1943, quando as tropas do *ARMIR* retornaram à Itália, depois da desastrosa retirada da frente do Don, o governo fascista nunca esclareceu o que acontecera na Rússia, nem o que acontecera aos soldados que não retornaram. (HAMILTON, 2011, p. 298).

Na Campanha de Stalingrado, a maioria das divisões de infantaria regular (de todos os exércitos do Eixo) se retiraram, quando da primeira fase da ofensiva de inverno soviética, a Operação Urano, em novembro de 1942. Por terem recebido de forma concentrada o primeiro e maior impacto dos Exércitos

de Choque, em proporções de vinte para um, não puderam resistir por muitos dias. Assim, o fronte se rompeu e houve perda da coesão combativa e da integridade da frente.

Já a trajetória do Corpo Alpino Italiano nesta campanha é relativa àquela do 6º Exército Alemão. Igualmente resistiu aos assaltos mais frequentes do Exército Vermelho, que tinham como objetivo o desgaste contínuo da frente, seguidas de manobras de cerco pelos flancos, e não de uma ruptura forçada na linha defendida frontalmente por eles. Resistiram, igualmente, assim, até finais de janeiro de 1943. Entretanto, os alpinos não estavam abrigados numa cidade, mas entrincheirados em campo aberto no meio das estepes. Hitler só autorizou a retirada do Corpo Alpino Italiano no dia 19 de janeiro, poucos dias antes da rendição não-autorizada do general Paulus e seu 6º Exército em Stalingrado, no dia 2 de fevereiro. Aos alpinos, a hierarquia militar totalitária, no último momento, autorizou a ação desesperada de se lançar a pé rumo ao oeste, até o rio Donetz, sem cobertura de aviação, linha de suprimentos ou comunicação. Desarmados, gelados e famintos, enfrentaram um inimigo numeroso e bem equipado, que bloqueava sua passagem, bem como os *partisans*, que atacavam seus flancos e ateavam fogo nas vilas para negar-lhes abrigo, pois esperavam que aqueles que o frio não liquidasse, caíssem prisioneiros.

Daqueles que lograram sobreviver à marcha de retirada e voltar à Itália ainda em guerra, a paz demorou a chegar. Muitos continuaram a lutar pelo Eixo, nos quadros da República Social Italiana de Mussolini, Bedeschi foi um deles. Outros lutaram nos Apeninos como *partigiani*, contra seus antigos aliados alemães e contra o fascismo que os enviara à Rússia.

3.4 - Captura, marchas da morte, campos de *POWs* [prisioneiros de guerra]

Ao vislumbrar um general-médico, que avaliava o serviço em meio à confusão sangrenta, tive mais uma vez aquela sensação difícil de descrever que se tem ao ver pessoas envoltas pelos horrores e emoções da zona elementar, ocupadas na execução de suas ordens com o sangue-frio de formigas. (JÜNGER, 2013, p. 39).

Para aqueles soldados que não lograram romper o cerco do Exército Vermelho e acabaram capturados, os sofrimentos e as privações continuariam por meses ou até mesmo anos, seja nos campos de prisioneiros de guerra ou em inúmeros campos de trabalho forçado espalhados por toda União Soviética após o final conflito. Para os poucos sobreviventes, o tempo de cativeiro durou de 1943 até 1955.

A obra de Bedeschi não aborda esta parte da trajetória dos italianos no Fronte Leste, pois logrou retirar-se com a coluna e sobreviver à marcha forçada aos campos de prisioneiros. Entretanto, este tema é contemplado pelo escrito da historiadora norte-americana Hope Hamilton, através de entrevistas com prisioneiros de guerra sobreviventes dos campos de prisioneiros da União Soviética.

Dando voz ao sofrimento destes homens, como no relato do radiotelegrafista Luigi Venturini, situações traumáticas começaram a ocorrer logo após a captura, bem como durante as marchas destinadas aos primeiros campos de prisioneiros, que se estendiam por até trezentos quilômetros, (somados aos trezentos quilômetros da anterior retirada na direção oeste, na tentativa de escapar ao cerco):

Dois guardas mongóis imediatamente começaram a revistar dois soldados por vez. De repente disparos foram dados e um dos prisioneiros revistados caiu no chão. Venturini escreve ‘eu estava devastado pelo terror’. Quando Venturini se aproximou, percebeu que os soldados mongóis conduzindo a revista estavam bêbados: ‘A cena é impressionante; eles faziam duas pessoas avançarem, eles revistavam nos casacos e jaquetas, agarrando relógios, anéis, e todos itens pessoais, eles então averiguavam a nacionalidade. Se o soldado era alemão, ele era perfurado com uma baioneta, ou levava um tiro à

queima-roupa; se fosse italiano ou húngaro, sua vida era salva'. (HAMILTON, 2011, pp. 196-197).

Hamilton continua apresentando, desta vez, o relato do alpino e capitão Giuseppe Lamberti (comandante do Batalhão de Esquiadores Monte Cervino), que descreve a situação de um desses primeiros campos de prisioneiros, destinados a triagem:

Valuiki se assemelhava a um apocalipse. Em todos os lugares haviam mortos, feridos, moribundos. Os mortos estavam despídos porque faltava tudo, especialmente roupas. Se congelava naquela temperatura. Eu tive congelamento no meu pé esquerdo, e um ferimento em um braço.... Eles nos puseram num grande barracão onde encontramos os remanescentes das Divisões *Cuneense* e *Julia*... A cena era Dantesca. (*Idem, Ibidem*, p. 197).

Embora, segundo Hamilton, alguns prisioneiros tenham passado a noite no galpão, dormindo uns sobre os outros devido ao número de centenas de prisioneiros, outros tiveram de passar a noite ao relento, expostos a temperaturas de -30 a -40 C°. O soldado Vittorio Bellini, que teve a oportunidade de dormir no galpão e sobreviver àquela noite, relata que:

Na manhã seguinte nos encontramos [aqueles soldados forçados a permanecerem do lado de fora] todos mortos. Do lado de dentro também... muitos de nossos companheiros estavam mortos e nus porque alguém tinha tirado suas roupas. E isso posso dizer porque vi com meus próprios olhos. (*Idem, Ibidem*, pp.197-198).

A situação dos soldados capturados se agravava com o passar dos dias. A captura e transferência desses homens aconteceu ao mesmo tempo em que a ofensiva soviética progredia rumo ao oeste – mesma direção da coluna de soldados do Eixo em retirada, na maioria desarmados, de forma que aqueles capturados eram vigiados, aprisionados, agrupados e transferidos sob a supervisão de tropas soviéticas da retaguarda que estavam a caminho do frente, que se estendia cada vez mais a oeste.

Como os soviéticos estavam empenhados em sua campanha ofensiva, sua logística estava toda voltada para este fim, de forma que pouca atenção foi dada aos prisioneiros de guerra, segundo Hamilton (2011), a assistência médica

para as próprias forças soviéticas era, “no melhor dos casos, rudimentar.” Havia ainda o problema dos transportes, ou a falta deles, forçando os capturados a marchar por centenas de quilômetros, visto que trens e caminhões estavam engajados em suprir a ofensiva. Então, iniciaram-se as marchas da morte, partindo do local de captura até os primeiros campos de prisioneiros:

A coluna de prisioneiros se estendia por quilômetros, ‘separando os fortes dos mais fracos. Aqueles melhores equipados daqueles que nada tinham para proteger-se. Aqueles endurecidos pelos perigos da linha de frente, por noites sem dormir, trabalho, fadiga, turnos de guarda no frio gélido de mais de 30C° negativos, daqueles despreparados para as dificuldades porvir pois estes estavam em centros de comando, cozinhas e centros de telefonia’. Alpinos das divisões *Trientina e Cuneese* lideravam a coluna, pois estavam em melhor forma que os da *Julia*, que haviam completado um mês de luta no sul [mais os 15 dias da marcha de retirada]. Os guardas estavam impacientes com aqueles ao fim da coluna, que quase não podiam caminhar. ‘Ameaças e tiros não faziam homens que mal podiam se manter em pé andarem mais rápido ou fazer mover-se homens que tinham se atirado na neve, incapazes de caminhar com os pés inchados. Os guardas resolviam o problema sem escrúpulos... eles eliminavam-nos com uma rajada de tiros na cabeça’. (*Idem, Ibidem*, p. 205).

A alimentação também era um grave problema, pois “não havia comida suficiente para todos os prisioneiros, eles [os soviéticos] tomaram a decisão de alimentar somente os oficiais.” (*Idem, Ibidem*, p. 199).

A autora americana, mediante entrevista com um oficial alpino, Veniero Marsan, destaca um episódio protagonizado pelo Capitão Cappa, o historiador regimental do 2º Regimento da divisão alpina *Cuneense*, divisão que teve muitos de seus integrantes mortos ou feitos prisioneiros no bolsão de Valuiki, onde foi praticamente destruída durante a retirada. Segundo Hamilton, antes da guerra, Cappa, por ser anti-fascista, havia se mudado para a Suíça, onde lecionava na Universidade de Genebra. “Mas quando ouviu que os alpinos iam a guerra, por sentimentos de solidariedade, ele retornou à Itália para se juntar aos seus companheiros.” (*Idem, Ibidem*, P.199).

O capitão, durante a retirada, teve de manter um diário de todos os eventos em curso.

De forma a cumprir seu dever, ele removia suas luvas sempre que escrevia, expondo as mãos a temperaturas abaixo de zero. Cobertas de bolhas, suas mãos incharam. [...] Cappa montou a cavalo durante a retirada, causando limitação da circulação de suas pernas e pés. (*Idem, Ibidem*, p. 199).

Marsan relata que, ao desmontar de seu cavalo em uma ocasião durante a retirada, o capitão historiador “tropeçou em uma granada de mão enterrada na neve; ela explodiu, ferindo severamente sua perna e pé direito.” (*Idem, Ibidem*, p. 199). Seu depoimento continua com o episódio em que o Capitão Cappa, ferido, pede a Marsan para não deixá-lo na estação de trem. Marsan o fez, e isso salvou sua vida, pois:

Centenas de prisioneiros chegaram a estação, carregados em vagões de carga, trancados por fora pelos guardas russos. Quase imediatamente, um avião alemão bombardeou a estação, matando centenas de homens incapazes de escapar dos vagões trancados durante o bombardeio. (*Idem, Ibidem*, p. 200).

Os sobreviventes foram forçados a marchar a pé até Khrinovoje, conhecido por ser um dos campos com as condições mais atroz, inclusive canibalismo.

Os quilômetros adicionais, somados aos já percorridos foram desastrosos. Quando penso que teria de andar mais 300 quilômetros, além dos quilômetros [300] que já havíamos caminhado durante a retirada, eu passo mal. Felizmente eu fui poupado! Talvez eu sobrevivesse àquela marcha, talvez não, mas Cappa certamente salvou-me daquela experiência! (*Idem, Ibidem*, p. 200).

Para aqueles que embarcaram nos trens destinados aos campos, como Grato Bongiovanni, embarcado em Valuiki a caminho do campo de Akbulak, no Cazaquistão, as situações atroz continuaram durante as dezenas de dias do trajeto, que para muitos, segundo Hamilton, durou até vinte e cinco dias. No mesmo trem foram embarcados outros mil e duzentos soldados italianos, sessenta no mesmo vagão de carga que Bongiovanni.

Somente vinte e seis sobreviveram à viagem. O sobrevivente relata à Hamilton sua experiência de sofrimento com destaque à fome, ao frio, os piolhos e ferimentos gangrenados. O capitão Lamberti também forneceu

depoimento sobre o episódio do transporte, em que relata sua vivência à Hamilton, destacando que:

Viajávamos com um grande número de soldados mortos, porque grande parte estava ferida e a gangrena se estabeleceu [e com ela, o incomodo do fedor, relatado por outro sobrevivente]. A lembrança daquelas cenas ainda me horroriza hoje. [...] Mãos, narizes, pés, orelhas que se transformaram em farrapos pretos, caíam fora, destacavam-se do corpo, com o mínimo de vibração do trem'. Quando soldados russos abriam as portas do vagão e perguntavam se havia mortos, 'nós ficávamos quietos de forma a receber mais rações de comida. (*Idem, Ibidem*, p 215).

Já no campo de prisioneiros em Khrinovoje, onde os homens eram vítimas da fome, da exaustão, do frio e do tifo, o soldado Vittorio Bellini - repatriado em 1946, relata algumas vivências ocorridas ali: A exemplo de alguns soldados que eram encarregados de “remover os mortos de uma vala e depositá-los numa trincheira que veio a ser um cemitério em massa, o trabalho durou 6 meses [...] dos 27 mil soldados que morreram neste campo, aproximadamente 20 mil eram italianos.” (*Idem, Ibidem*, pp. 218-219).

Outras situações de extrema penúria tomaram lugar neste campo, como o canibalismo. Vicentini, outro soldado que tinha a tarefa de depositar os mortos em vala comum, certa vez, ao recolher um “corpo, e para seu horror, observou que as nádegas do corpo estavam faltando.” (*Idem, Ibidem*, p. 223).

Além do canibalismo, os prisioneiros viam-se forçados ao sofrimento em situações abjetas em sua luta pela sobrevivência, de forma que

O desespero levou soldados famintos ao inimaginável: ‘Eles retiravam excremento de uma grande vala/latrina e com as mãos nuas retiravam grãos indigestos de painço e milho, que eles lavavam e comiam’. Prisioneiros alemães rapidamente melhoraram o processo: ‘instalando uma espécie de linha de montagem de peneiras e copos, pelos quais eles coavam as fezes, retirando tantos grãos que eles começaram um mercado negro’. (CRAIG, 2001; *apud*: HAMILTON, 2011, p 219).

Neste campo, segundo a autora americana, os prisioneiros receberam sua primeira refeição quente - cevada fervida com casca, no período de um mês, no auge do inverno russo. Ainda segundo as informações colhidas em

entrevistas com os sobreviventes, Hamilton relata que os prisioneiros estavam diarreicos e, geralmente, “não conseguiam chegar a tempo às latrinas, aliviando-se do lado de fora do *bunker* [abrigo que contava com chão de terra batida e uma cobertura simples de madeira], se conseguissem chegar tão longe. Corpos não enterrados do lado de fora dos *bunkers* aumentavam em número.” (HAMILTON, 2011, p. 221).

O campo 160, em Suzdal, na região de Moscou, foi o destino do Oficial Médico Cristoforo Capone e do tenente Bracci, onde o médico realizou macabras artimanhas para ajudar seus compatriotas a conseguir mais alimentos na cela onde havia mais treze homens:

Toda manhã, guardas russos traziam rações para cada cela. Os guardas contavam os homens e deixavam rações para o número de homens presentes. Ao invés de remover os mortos, Capone ‘escorava os corpos nas cadeiras’. Ele e seus companheiros fingiam conversar com os corpos quando os guardas entravam. Os guardas contavam os homens e deixavam quinze porções de ração. Dr. Capone pode conservar os corpos por semanas devido à temperatura congelante nas celas, que preservou os corpos de decomporem. Uma vez que os homens em sua cela começaram a se sentir mais fortes devido a mais nutrição, ele estabeleceu uma forma de ‘lend-lease’ [i.e. empréstimo] com outros grupos de prisioneiros, carregando corpos congelados para outras celas para obter mais rações. (CRAIG, 2001; *apud*: HAMILTON, 2011, p.229).

O campo de Suzdal também fora palco de episódios recorrentes de canibalismo, segundo Bacci e Capone, observou-se lá, corpos com membros e órgãos faltando, de forma que

[...] os guardas russos atiravam em qualquer canibal que encontrassem, mas se viram com a tarefa de caçar tantos comedores-de-homens que eles tiveram de alistar a ajuda de ‘esquadras anti-canibalismo’, convocados dos quadros de oficiais cativos.’ Armados com barras de ferro, essas esquadras vasculhavam o campo, ‘procurando lampejos reveladores provenientes de pequenas fogueiras onde os predadores preparavam suas refeições. (*Idem*, *Ibidem*, p. 229).

Nem todos os prisioneiros foram realocados para campos de concentração de prisioneiros de guerra, denominados “campos de triagem”, onde enfrentando a morte pela fome, frio, doenças e a falta de atendimento

médico em aprisionamento, onde poucos lograram sobreviver; na sua maioria oficiais, segundo Hamilton, a quem os soviéticos denominavam *bourgeoisie* [burguesia], e sofreram até tentativas de “reeducação política e ideológica.”

Outros milhares de prisioneiros, em sua maioria soldados de baixa patente, acabaram transferidos para campos de trabalho espalhados por toda a União Soviética, como o de Mordovia (600Km de Moscou), campos na região de Pern e Sverdlovsk (1800 Km a leste de Moscou), e campos no “Cazaquistão, próximos à fronteira da China e do Afeganistão. Experimentaram o mesmo horror e perda de vidas, além da jornada mais longa.” (VICENTINI & RESTA, 2005; *apud*: HAMILTON, 2011, pp. 234).

Muitos soldados com alguma experiência de trabalho manual ou habilidade antes da guerra, bem como aqueles com melhor condição física, foram divididos em três categorias, de acordo com o estado de saúde e o trabalho a realizar – as rações também variavam em quantidade e qualidade (água, repolho e batatas).

As condições nos campos de trabalho variavam, como variavam em qualquer outro campo, dependendo da localização, época do ano, e tipo de trabalho requerido [...]; o tipo de trabalho mais comum fora dos campos era a construção, cortar madeira, trabalho na terra nos *kolkhoz* [propriedade rural coletiva], catando algodão, fazendo tijolos, limpando estradas, e ocasionalmente, mineração. Dentro dos campos alguns prisioneiros exerciam atividades que realizavam quando civis, como padeiros, carpinteiros, pedreiros, sapateiros, alfaiates, eletricitas. Frequentemente os funcionários do campo faziam uso destas habilidades para uso pessoal, assim como a população que vivia fora dos campos. [...]. (VICENTINI & RESTA, 2005; *apud*: HAMILTON, 2011, pp. 234-235).

Hamilton ressalta que, segundo as memórias não publicadas do alpino Ajmone Marsan, “no campo de Suzdal, alguns alpinos eram sapateiros e confeccionaram sapatos femininos oferecidos ao comandante do campo [...] esposas e filhas dos operadores do campo, queriam um par de sapatos de salto alto [...] quanto melhor o sapateiro, recebia o dobro ou triplo de ração.” (HAMILTON, 2011, p. 263-264).

A autora ainda revela que dez prisioneiros, por terem habilidade com gesso e acabamento em mármore, chegaram a ser transferidos para Moscou para decorarem prédios do governo. Todavia, as condições gerais nos campos de trabalho eram também precárias, afetando diretamente a saúde e sobrevivência dos prisioneiros:

Quando a epidemia de tifo amainou, soldados nos campos de trabalho sofreram com disenteria, colite, várias doenças crônicas e até sarna. Em alguns campos, particularmente no Cazaquistão, soldados foram vítimas de malária. Embora as rações fossem distribuídas regularmente, desnutrição era constante em todos os campos de trabalho. (*Idem, ibidem*, p. 235).

Nos campos destinados ao internamento de oficiais, como o de Suzdal, as condições melhoraram com o passar dos meses. As rações não eram abundantes, mas os prisioneiros não mais estavam desesperadamente famintos. Segundo memórias de Ajmone Marsan, aos domingos era permitido realizar missa e os adventistas do sétimo dia eram poupados do trabalho nos sábados, e foi dado aos oficiais permissão de usar a biblioteca com uma seleção de livros em italiano, embora “noventa por cento consistisse de escritos e discursos traduzidos de Stalin e Lenin.” (*Idem, ibidem*, 2011, p. 240).

Isso fazia parte da organização política dos campos, ou seja, a “reeducação e doutrinação política”, por vezes pela cooptação dos prisioneiros.

Autoridades soviéticas estavam imediatamente preocupadas com a reeducação política dos prisioneiros. Já nos primeiros meses de 1943, um jornal era imprimido para todas as nacionalidades, enquanto um comissário político operava em cada campo, acompanhado de um imigrante da mesma nacionalidade dos prisioneiros. (ZILLI, 1982; *apud*: HAMILTON, 2011, p. 241).

Segundo Hamilton, nos quadros de oficiais prisioneiros, surgiram alguns grupos denominados “antifascistas”, embora possuíssem pouco conhecimento sobre o Comunismo, muitos aceitaram ideias de

luta de classes, ditadura do proletariado, antítese histórica e contradições do capitalismo [...] muitos antifascistas aderiram para receber certos favores – um pouco mais de comida, melhores condições para dormir, ou para conseguir um ‘perdão’ por ter sido um oficial na milícia de Mussolini [que caçava comunistas]. Esses

oficiais eram perigosos; eram oportunistas e não tinham escrúpulos, e poderiam facilmente serem manipulados pelos russos. Eles eram espiões e informantes ‘dispostos a declarar por escrito tudo o que os russos quisessem que eles dissessem; [por exemplo], que os italianos tinham trazido piolho e tifo da Itália, que os italianos tinham queimado vilarejos na Ucrânia, que os italianos no *front* comiam pior que os prisioneiros. Tais declarações eram publicadas [no jornal *L’alba*] [...], mesmo que os russos soubessem que [estas informações] eram falsas, mas como mestres da propaganda eles ficavam satisfeitos ao ver os italianos denegrirem a si próprios. (VICENTINI, 1997; *apud*: HAMILTON, 2011, p. 242).

O mesmo valia para a cooptação de oficiais, segundo Hamilton, alguns foram transferidos dos campos para alocações com melhores condições, ou até mesmo transferidos para Moscou. Onde viviam por meses em apartamentos e mantinham conversações com autoridades a respeito de informações como “a localização da fábrica da FIAT, em Turim”, ou eram requisitados a prestar algum tipo de informação após retornarem à Itália. O *NKVD* (polícia política soviética), conduzia interrogatórios que duravam a noite toda, com comissários italianos como interpretes. “Era evidente que eles procuravam por criminosos de guerra e percebendo que não conseguiriam encontrar nenhum, eles esperavam fabricá-los.” (VICENTINI, 1997; *apud*: HAMILTON, 2011, p. 243-245).

Portanto, para aqueles que sobreviveram, além do combate, ao cativo soviético, bem como às marchas, à fome, às doenças, ao frio e à exaustão, etc. enfim, numerosas condições inimigas da vida, são marcantes e perturbadoras as chagas físicas e a deterioração psíquica que assolava estes milhares de homens, espalhados por mais de quatrocentos campos em toda a União Soviética:

Aquele que quer sobreviver não pensa em mais nada. Ele só pensa em si mesmo. Como pode sobreviver até amanhã. Ele só pensa em meios de como comer algo mais, em se aquecer melhor, em fazer os piolhos serem menos perturbadores, em fazer seu colchão de madeira menos duro. Para si mesmo, enquanto se transforma mais em um animal, ele destrói toda forma de respeito, toda forma de sentimento, toda fraqueza humana’ [...] Enquanto a epidemia de diarreia, barracas serviam de hospital, onde não havia remédios. Condições imundas, baixa qualidade das rações, e a inabilidade de isolar os doentes exacerbou a situação. O número de mortos aumentou devido à

exaustão, doenças intestinais, pneumonia e escorbuto, assim como ‘intervenções cirúrgicas, como amputação de membros em estado avançado de gangrena através de facas, serras, e tesouras enferrujadas. (GAMBETTI, s.d.; *apud*: HAMILTON, 2011, p. 225).

A contagem das baixas diverge³⁵ de acordo com o censo e com a época em que o levantamento fora feito, de forma que os números absolutos variam:

[...] o número documentado de soldados que retornaram da Rússia em março de 1943, somam 125 mil homens, deixando 95 mil soldados desaparecidos de uma força estimada em 220 mil, em dezembro de 1942 (10 mil destes, foram repatriados em 1946, deixando o número estimado de desaparecidos em 85 mil). Estima-se que 25 mil soldados morreram em combate ou de exaustão e/ou fatores ambientais durante a retirada. O Exército Vermelho capturou 70 mil soldados do *ARMIR*. Desde que 10 mil destes foram repatriados, significa que 60 mil soldados italianos morreram em campos de prisioneiros de guerra ou em marchas forçadas, bem como em transportes ferroviários. De 60 mil prisioneiros que não retornaram, há documentação somente para 38 mil homens que morreram nos campos. As autoridades acreditam que 22 mil morreram durante as marchas da morte e nos transportes ferroviários. (VICENTINI, 1997; *apud*: HAMILTON, 2011, p. 304).

Quem sobreviveu à experiência de anos de confinamento nos campos de concentração de prisioneiros de guerra ou nos campos de trabalho, foram transferidos de volta à Itália de maneira diversa. Alguns retornaram ao findar da guerra, em 1946, outros, somente em 1955. Hamilton destaca as entrevistas de numerosos alpinos concedidas ao historiador italiano Nuto Reveli, que notou que

[...] suas memórias são tudo, menos serenas. Segundo sua longa viagem através da Europa devastada pela guerra [para alguns, essas viagens duraram até seis meses], e sua chegada ao Tarvisio ou ao Passo Brenner [fronteira norte da Itália], eles sentiram-se como estrangeiros em sua própria terra natal, desde que ‘centros de recepção’ estavam despreparados para cuidar deles. Todos estavam desnutridos, doentes, e frágeis, requerendo assistência médica imediata. Eles tinham um desejo em comum, o de findar rapidamente as formalidades militares e burocráticas e correr para casa’. (REVELI, 1993; *apud*: HAMILTON, 2011, p. 281).

³⁵ Segundo relação do delegado italiano na comissão da ONU para prisioneiros de guerra, apenas 10.087 dos 70.000 italianos capturados pelo Exército Vermelho foram repatriados, ou seja, apenas 14%. Percentual extremamente baixo comparado com o índice de retorno de 99% de prisioneiros capturados pelos americanos e franceses e 98% pelos ingleses. (DI COLLOREDO, Pierluigi R. s.d., Edição Kindle).

No contexto do pós-guerra, apesar de toda a destruição, as famílias dos que não retornaram, procuravam continuar suas vidas. Algumas associações foram formadas para apurar o destino de tantos milhares de homens, filhos, maridos, netos, que haviam desaparecido, deixando um vácuo na vida de suas famílias. A exemplo da *UNIRR* (sigla em italiano da União Nacional Italiana de Veteranos da Guerra na Rússia) e a Aliança das Famílias dos Dispersados na URSS, bem como a Associação Nacional dos Alpinos.

Essas organizações atuaram com objetivo de trazer apoio e solidariedade para as famílias dos desaparecidos e dos que retornavam. A Associação Nacional dos Alpinos, em 1993, organizou esforços, e 750 alpinos sobreviventes doaram seu tempo e energia (HAMILTON, 2011, p. 308) para construir em Rossosh – local fatídico de combates, capturas e retiradas, uma escola de enfermagem batizada de *Casa del Sorriso*. Uma forma de retribuição e amizade para com camponeses que, doando o pouco que tinham de alimento, acolheram e salvaram a vida de muitos italianos durante os dias de retirada no alto do inverno russo, em 1943.

Na cerimônia de inauguração, em 1993, alguns veteranos alpinos se reencontraram com os camponeses que ainda se lembravam deles: “Aqueles pobres soldados! Suas roupas estavam em farrapos. Eu senti tanta pena. Estavam todos imundos, exceto pelos alemães se retirando com eles. Os alemães os ignoravam. Os italianos eram nobres, bonitos e bons. Os alemães os ignoraram. Conte a todos, traduza isso.” (HAMILTON, 2011, p. 309). Existe também, desde 1993, o Museu do Médio Don, na cidade de Rossosh, na Rússia e é dedicado à memória dos combatentes italianos daquela campanha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que mais fez-nos refletir sobre a Segunda Guerra Mundial foi sua magnitude destrutiva, e como uma guerra mundial que ultrapassou em muito a destruição gerada na guerra anterior, que havia sido a mais mortífera de toda a história humana até então. Muitos historiadores argumentaram serem as duas guerras mundiais, duas partes de um só grande processo histórico cataclísmico.

Entretanto, a Segunda Guerra foi um evento muito mais demonstrativo de guerra total. Muito além dos elementos estratégicos e econômicos, político e racial, foi um conflito de mentalidades. Com o emprego dos avanços da técnica por uma burocracia estatal poderosíssima e totalitária, que se utilizou da mobilização total da sociedade, mental e materialmente, como vimos no capítulo dois, quando refletimos sobre o concerto estratégico, o equilíbrio de poder, a tecnologia militar e o uso das massas de soldados pelos regimes totalitários. E, como a história dos prisioneiros de guerra e dos mutilados, dos mortos e dos desaparecidos, bem como o testemunho dos sobreviventes reafirma no relato, sua experiência e suas chagas, são muito mais profundas do que qualquer definição conceitual, linguística ou temporal. Assim como abordamos no capítulo um, quando refletimos sobre a possibilidade e o lugar do ato de narrar, e também sobre o trauma e a tangibilidade da memória na sobrevivência daquele que volta de uma situação extrema. 8 de abril de 1945? Para os milhares de prisioneiros de guerra na URSS, a Segunda Guerra e a luta pela vida duraram, para os 14% de sobreviventes do Gulag, até 1955, como nos referimos durante o capítulo três.

Considerando que antes do que se tem tido como o início do conflito na Europa em 1939, com a invasão da Polônia pelos alemães e soviéticos, o Japão já se encontrava em estado de beligerância nos territórios da Manchúria e na China desde 1937. A Itália vinha de uma guerra custosa, moral e materialmente na Etiópia e, posteriormente, em 1937, uma intervenção na Guerra Civil

Espanhola. Conflitos assimétricos e, para os italianos, embora vitoriosos, serviram para consumir humana, moral, material e financeiramente a Itália.

Embora certa modernização tenha começado no final dos anos 1930, as atualizações não poderiam ter sido implementadas, em larga escala, antes de 1942. Até então, o Exército Italiano contava com uma grande massa de infantaria de linha ainda não motorizada, que, marchando a pé, cobria poucas distâncias por dia, além de que a maioria dos armamentos, já no começo da guerra, era considerado obsoleto.

Entretanto, as tropas especiais, entre eles os alpinos, os *bersagliere* (tropa assalto), ou os homens-rã da Marinha Real Italiana (*X Flotiglia Mas*), ou os esquadrões de aviões torpedeiros (técnica de ataque aeronaval desenvolvida pelos italianos) tiveram notável desempenho no conflito, participando de batalhas violentas e saindo delas de forma honrosa e, muitas vezes, causando pesadas perdas aos inimigos.

Marco Cimmino compara a trajetória dos Alpinos - e dos remanescentes do 8º Exército Italiano e dos exércitos de outros aliados do Eixo, com a trajetória dos antigos mercenários gregos de Ciro, sobre os quais escreveu Xenofonte. Em sua Anábasis, os mercenários gregos, ao mesmo tempo combateram e marcharam para retirar-se do território inimigo. Da Mesopotâmia até o Helesponto. Concordamos com Cimmino (2013), quando chama o episódio do colapso da frente do Don e da marcha de retirada como uma “derrota comemorada como uma vitória” para os que retornaram do Don até a Itália.

Enfim, o tema é amplo e há campo fértil para pesquisas e possibilidades de estudo que pretendemos desenvolver num futuro próximo. Como para melhor explorar a questão das imagens, da grande variedade de diários e relatos. Também vale chamar a atenção para o tema dos prisioneiros de guerra e seus relatos sobre a experiência do cativo soviético, que aqui, assim como as imagens, não tivemos espaço para abordar com profundidade.

Por fim, ressaltamos a amplitude das possibilidades de pesquisas sobre um recorte da Segunda Guerra Mundial ainda pouco explorado: o Fronte Leste. No qual a trajetória de sessenta mil alpinos era até então pouco conhecida ou abordada, e tida como de importância auxiliar ou de “flanco” de outras frentes, onde massas de homens se combatiam espalhados pelos milhares de quilômetros de linha de frente. Por fim, vale ressaltar que a questão das proporções das tropas e do tamanho ou da relevância da participação dos alpinos não afetou sua imprescindibilidade ou os tornou menos relevantes no grande escopo. Se a trajetória de sessenta mil indivíduos na frente do Don pôde ser considerada uma batalha local ou de média escala, isto, em absoluto, não diminui sua significância, mas nos dá, assim, uma perspectiva da magnitude do enorme choque de massas de indivíduos e de materiais que se convencionou chamar de Fronte Leste.

FONTE:

BEDESCHI, Giulio. Cem mil marmidas de gelo. Tradução: Augusto Souza. São Paulo: Flamboyant, 1968. Págs. 286.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALESCO, Sandro. Armata Italiana in Russia. S.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uGdIS_z3bRw. Acesso em: 29/02/2016.

ARENDT, Hannah. O conceito de história antigo e moderno. *In: Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. Origens do Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres, o corpo e a guerra. *In: COURTINE, Jean Jacques. História do corpo*. 4ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEEVOR, Antony. Stalingrado o Cerco final. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Paz e terra, 2000.

_____. Experiência e Pobreza. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Teorias do fascismo alemão in: Documentos de cultura, documentos de barbárie. Trad.: ChristlBrink, Ilka Roth, Irene Aron e outros. São Paulo: Cultrix, 1986.

BESSEL, Richard. Alemanha, 1945: da guerra à paz. Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

CARR, Edward Hallet. 20 anos de crise: 1919-1945. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

CIMMINO, Marco. Entrevista: Nikolajewka, 70 anni. 19/04/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2YviFX2Kv8s>. Acesso em: 29/02/2016.

CLAUSEWITZ, Claus von. Da guerra. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

COSSARI, LUIZ G. Soldados do Corpo Alpino Italiano na Campanha de Stalingrado. In: Segunda guerra e pós 1945: outras abordagens / André Luiz de Vasconcelos e Sylvia Ewel Lenz (org.) – São Paulo: Clube de Autores; Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

COZZI, Luca. L'alpino che giocava ai dadi. S.d. Edição Kindle.

DAVIES, Norman. Europa na Guerra: 1939-1945. Uma História nada simples. Trad. Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Di COLLOREDO, Pierluiggi R. Talianski Karasciò: Campagna di Russia tra mito e rimozione. Ed. Italia Storica. s.d. Edição Kindle.

_____. Croce di ghiaccio: CSIR ed ARMIR in Russia, 1941-1943. Ed. Italia Storica. S.d. Edição Kindle.

DiGIANGREGORIO, Maurílio. Gli alpini di Castel di Ieri e gli alpini abruzzesi nel ricordo del Sottotenente Giuseppe Prisco. Disponível em: <<http://www.anaabruzzo.eu/ana-abruzzo/memorie/campagna-di-russia.html>. Acesso em: 20/08/2013.

EHRENREICH, Barbara. Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra. Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FERNANDES, Florestan. A função social da guerra na sociedade Tupinambá. São Paulo: Ed. Pioneira, 1970.

FERRAZ, Francisco C.A. Historiografia e memória da Força Expedicionária Brasileira: notas de pesquisa. In: RODRIGUES, Fernando da Silva; FERRAZ, Francisco; PINTO, Saruma Conde Sá (Orgs.). História Militar: Novos caminhos e novas abordagens. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FREDBORG, Arvid. Atrás da muralha de aço: Um correspondente sueco no III Reich – 1941-1943. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

FREUD, Sigmund. Escritos Sobre a Guerra e a Morte. Trad. Artur Morão. 2009.

GLANTZ, D. Confronto de Titãs: Como o Exército Vermelho Derrotou Hitler. São Paulo: C&R editorial. 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva. Campinas: Unicamp, 1998.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. Microhistory. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VFh1DdXToyE>. Acesso em: 15/12/2015.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

HAMILTON, Hope. Sacrifice on the steppe: The Italian Alpine Corps in the Stalingrad Campaign, 1942-43. USA: Casemate, 2011.

HART, Liddel. O outro lado da colina. Trad. Cel. Art. Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1975.

HASTINGS, Max. Inferno: O mundo em guerra 1939-1945. Rio De Janeiro: Intrínseca, 2013.

HITLER, Adolf; MANNERHEIM, C.G.E. Conferência. Áudio disponível em: <<https://www.warhistoryonline.com/featured/recording-of-hitlers-normal-speaking-voice.html>. Acesso em: 29/02/2016.

HOBBSBAWM, Eric J. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JÜNGER, Ernst. Tempestades de aço. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

KEEGAN, John. Inteligência na guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Uma história da guerra. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

KEENAN, George Frost. O Declínio da ordem europeia de Bismarck. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

KELLNER, Douglas. A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KREIPE, Werner. Decisões Fatais. Rio de Janeiro: Hemus, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Comtraponto: Ed. PUC –Rio.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LÉDERREY, Coronel E. A derrota alemã no leste. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1955.

LENZ, E. Sylvia. *Mulheres Alemãs na Guerra e após 1945*. In: A Segunda Guerra Mundial e Pós 1945. Orgs. VASCONCELOS, A. L; LENZ, E. S. Ed. Clube de Autores. 2012.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
MAQUIAVEL, N. A Arte da Guerra. São Paulo: Escala, s.d.

MARCUSE, Herbert. Tecnologia, guerra e fascismo. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARTIN-BARBEIRO, Jesús. Dos meios as mediações: cultura, comunicação e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

MAZOWER, Mark. Continente Sombrio. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. O império de Hitler: a Europa sob domínio nazista. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MORRETIN, E.; NAPOLITANO, M; KORNIS, M. (org). História e Documentário. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2012.

NICHOLAS, Lynn H. Europa saqueada: o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PASTERNAK, Boris Leonidovich. Doutor Jivago. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

PAXTON, Robert O. A Anatomia do Fascismo. São Paulo: Paz e terra, 2007.

PETROV, Vladimir. A batalha de Stalingrado. 1949. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V9tO7GF8pnY>>. Acesso: 29/02/2016.

- RABONI, Ricardo. Il fango, il gelo e i girasoli. S.d. Edição Kindle.
- REMARQUE, Eric M. Nada de novo no front. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- ROCHAT, Giorgio. La disfata sul Don. S.d. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1QTg1DUvdpk>. Acesso em: 29/02/2016.
- RODRIGUES, Fernando da Silva. Introdução: novos caminhos de novas abordagens da história militar. In: RODRIGUES, Fernando da Silva; FERRAZ, Francisco; PINTO, Saruma Conde Sá (Orgs.). História Militar: Novos caminhos e novas abordagens. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- SANI, Máximo. Italia in guerra: tragédia sul Don. 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mf_GE9maaeE. Acesso em: 29/02/2016.
- SCOTONI, Giorgio. La disfata sul *Don*. S.d. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1QTg1DUvdpk>. Acesso em: 29/02/2016.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e política da memória: O tempo depois das catástrofes, 2005. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2255/134> 8.
- _____. Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo. 2003. Disponível em: <http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-02-19_12-15-54.pdf.
- _____. Narrar o trauma: A questão do testemunho das catástrofes históricas. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>.
- SÉMELIN, Jacques. Purificar e destruir: Usos políticos de massacres e dos genocídios. Rio de Janeiro: DIFEL: 2009.
- TODOROV, Tzvetan. O Medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- TOLAND, John. Adolf Hitler. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.

VINCENT, Gérard. Uma história do segredo: guerras ditas, guerras silenciadas e o enigma identitário. *In*: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (org). História da vida privada, 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WALZER, Michael. Guerras justas e injustas: uma argumentação moral com exemplos históricos. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo; Ed: Martins Fontes, 2003.

WATSON, Adam. A Evolução da Sociedade Internacional: Uma análise histórica comparativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WIGHT, Martin. A política do poder. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

ANEXOS:

Anexo - A: Relatório do diplomata italiano Luciulli, à serviço em Berlim - 1942: “Defender até a morte a grande extensão conquistada até agora, explorá-la, organizar a vida econômica e política da Europa de modo que seu poder de resistência aumente e sua capacidade ofensiva se desenvolva – tudo isso constituiria um objetivo claro e preciso, um programa capaz de conquistar adeptos e o consenso, não fosse o fato de que é exatamente nessa missão política que a Alemanha se mostra aquém de sua tarefa. A inequívoca decisão alemã de organizar a Europa hierarquicamente, como uma pirâmide, com a Alemanha no vértice, é do conhecimento geral. Mas isso não basta para captar a atitude do regime alemão diante dos problemas da reconstrução europeia. Em nenhum país, mesmo naqueles que até ontem mantinham uma postura nitidamente antialemã, faltaram personalidades e correntes políticas dispostas a admitir que a ordem internacional que emergiu da Revolução Francesa e culminou em Versalhes fora suplantada de uma vez por todas e que os Estados-nação teriam de dar lugar a entidades políticas muito maiores [...] Assim, o conceito de uma organização hierárquica da Europa não era inaceitável. Contudo, o que choca quem entra em contato com os alemães é sua concepção puramente mecânica e materialista da ordem europeia. Para eles, organizar a Europa significa decidir a produção desse ou daquele minério e o número de trabalhadores que cabe utilizar. Não compreendem que nenhuma ordem econômica pode prevalecer se não se basear numa ordem política e que para fazer o operário belga ou boêmio trabalhar não basta prometer-lhe determinado salário, mas deve inculcar-lhe também a consciência de servir a uma comunidade da qual é parte íntima, com a qual sente afinidade e na qual se reconhece.”

(Fonte: *Ministero degli Affari Esteri, I documenti diplomatici italiani; apud: MAZOWER, 2001, p. 146*).

QUADROS

Quadro N.1:

Composição divisionária do Corpo Alpino Italiano, 1942-1943:

Corpo Alpino Italiano – General Gabriele Nasci.

- Divisão Alpina “*Tridentina*” – General L. Reverberi
 - 5º Regimento Alpino: Batalhões: Morbegno, Tirano, Edolo.
 - 6º Regimento Alpino: Batalhões: Vestone, Verona, Val Chiese.
 - 2º Regimento de Artilharia Alpina: Grupos: Val Carmonica, Vicenza, Bergamo.

- Divisão Alpina “*Julia*” – General U. Ricagno.
 - 8º Regimento Alpino: Batalhões: Tolmezzo, Cividale, Gemona.
 - 9º Regimento Alpino: Batalhões: Vicenza, L’Aquila, Val Cismon.
 - 3º Regimento de Artilharia Alpina: Grupos: Conegliano, Udine, Val Piave.

- Divisão Alpina “*Cuneense*” – General E. Battisti.
 - 1º Regimento Alpino: Batalhões: Ceva, Mondovi, Pievi di Teco.
 - 2º Regimento Alpino: Batalhões: Borgo S. Dalmazzo, Saluzzo, Dronero.
 - 4º Regimento de Artilharia Alpina: Grupos: Val Po, Dronero, Pinerolo.

(Fonte: HAMILTON, 2011, pp. 318-319).

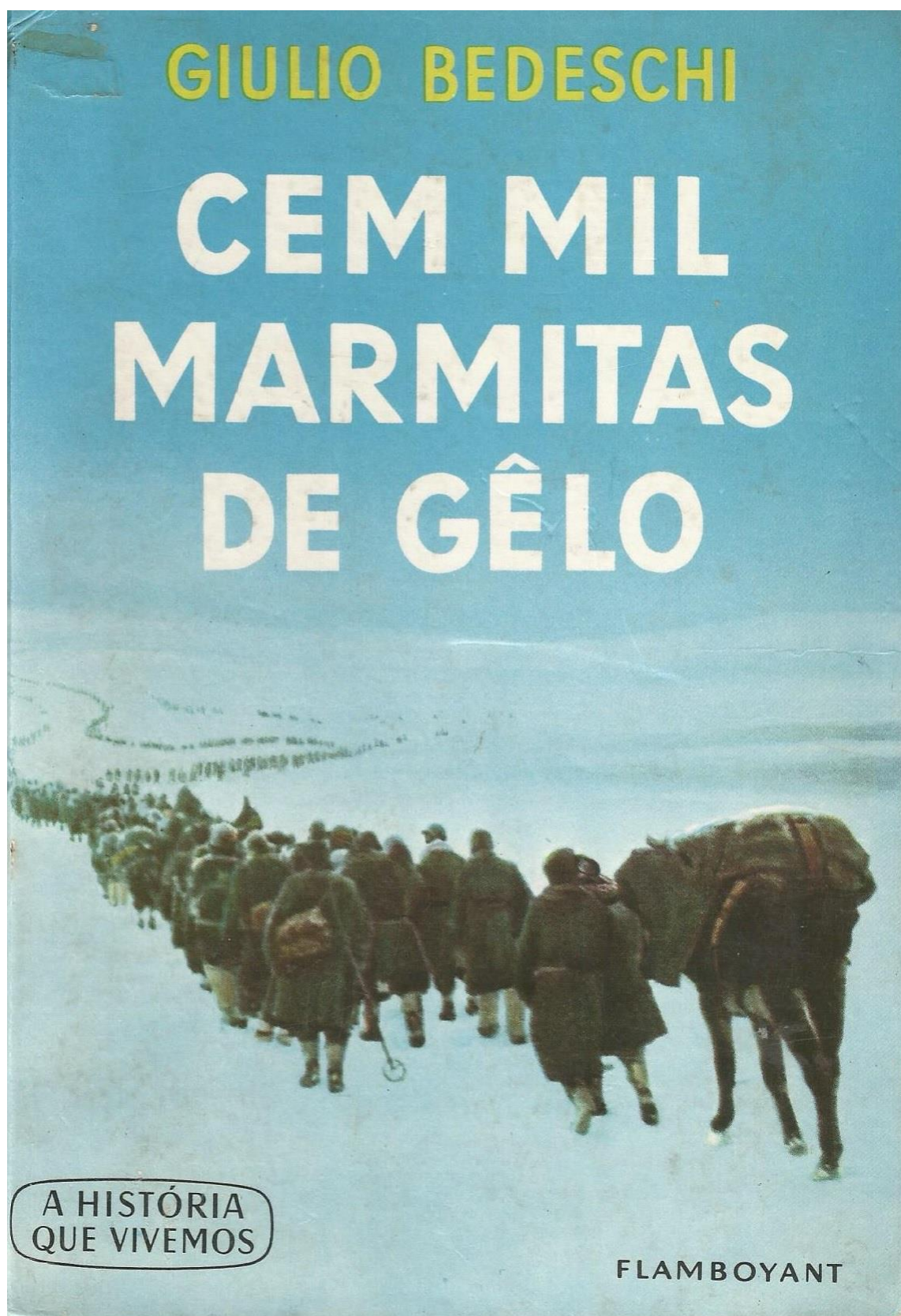


IMAGEM N. 5: Capa da edição brasileira do livro Cem mil marmittas de gelo, de Giulio Bedeschi, pela editora Flamboyant, 1968.



Cem mil italianos das divisões alpinas partiram para a frente russa no outono de 1942. Dêles, apenas alguns milhares regressaram em março, depois de terem percorrido, em retirada, muitas centenas de quilômetros a pé na neve, sem víveres, sem transportes, quase sem armas, em meio a incessantes combates sob uma temperatura que oscilava entre trinta e quarenta graus abaixo de zero. A *Julia*, divisão à qual pertencia o autor, perdeu 18.000 dos seus 20.000 homens.

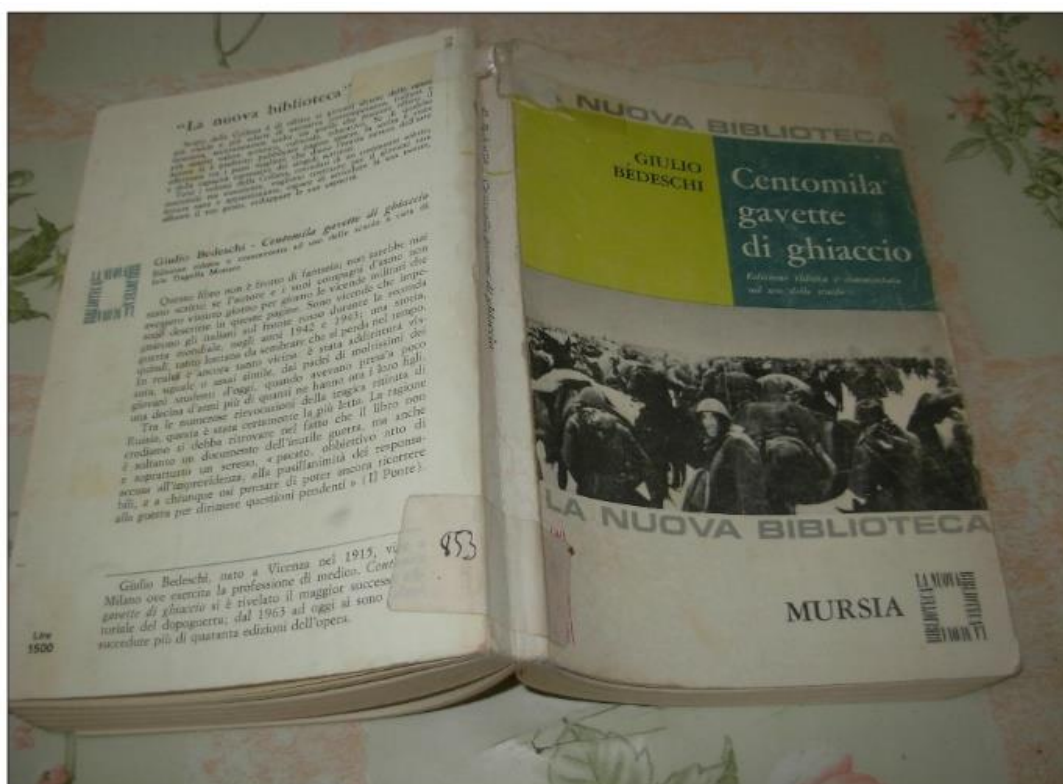
Os alpinos haviam partido com destino às montanhas do Cáucaso, mas foram desdobrados frente ao Don — com as suas mulas e os seus obuseiros para fazer face aos tanques de Stalingrado; — e logo depois, abandonados ao inverno, à estepe sem fim e à fatalidade das invasões frustradas. A tragédia dessas divisões foi maior do que a vivida pela “Grande Armée”, pois seu equipamento não era superior ao desta e a sua retirada se desenrolou em plena invernia, e não no outono como a de Napoleão. Era a êsses homens que se referia um comunicado russo, ao anunciar a derrota das forças do Eixo no Don e em Stalingrado: “Apenas o Corpo de Exército alpino italiano não sofreu derrota no solo da Rússia”.

É o drama e a vitória desses homens contra elementos agressivos da natureza e sobre si mesmos, se não sobre seu adversário, que Giulio Bedeschi nos conta. Ele foi um dos alpinos, do começo até ao fim, o que dá a este livro um valor exemplar: o de um moderno “Anabase”. Sua narração não é apenas a crônica de uma batalha ou de uma retirada. Como a obra-prima de Xenofonte, é, antes de tudo, um poema pungente das misérias que se abateram sobre um corpo de elite, isolado na imensidade de um país hostil e que encontra, tão-somente nos recursos das qualidades humanas, a força para vencer a fatalidade de uma guerra perdida.

Cem Mil Marmitas de Gêlo é mais do que um grande livro de guerra: é um testemunho eloqüente da honra de ser homem.

Giulio BEDESCHI nasceu em Vicenza, Itália, no ano de 1915. Médico e cirurgião desde 1939, ele participou, no posto de tenente-médico, das campanhas na Albânia e na Grécia. No verão de 1942, foi enviado para o fronte russo com a divisão alpina *Julia*. Médico da 13.^a Bateria, tomou parte em todas as operações de primeira linha bem como da retirada, até ao repatriamento na primavera de 1943. Foi condecorado duas vezes no campo de batalha. Terminada a guerra, reassumiu o exercício civil de sua profissão. Fundou, e dirige, em Milão, o Centro de Reumatologia.

IMAGEM N. 6: Contracapa da edição brasileira de 1968. Traz dados inseridos pelo editor, bem como uma minibiografia do autor, traduzida da edição italiana, abaixo.



Damidabevan

www.delcampe.net

IMAGEM N. 7: Edição italiana da obra. Observa-se dados gerais inseridos pelos editores e também uma minibiografia do autor na contracapa. (Fonte: disponível em: <http://images.delcampe.comimg_largeauction000304516930_001.jpg – acesso em: 29/02/2016.



IMAGEM N. 8: O chapéu de feltro e a pena preta, indumentária de valor indenitário para as tropas alpinas. (HAMILTON, 2011).

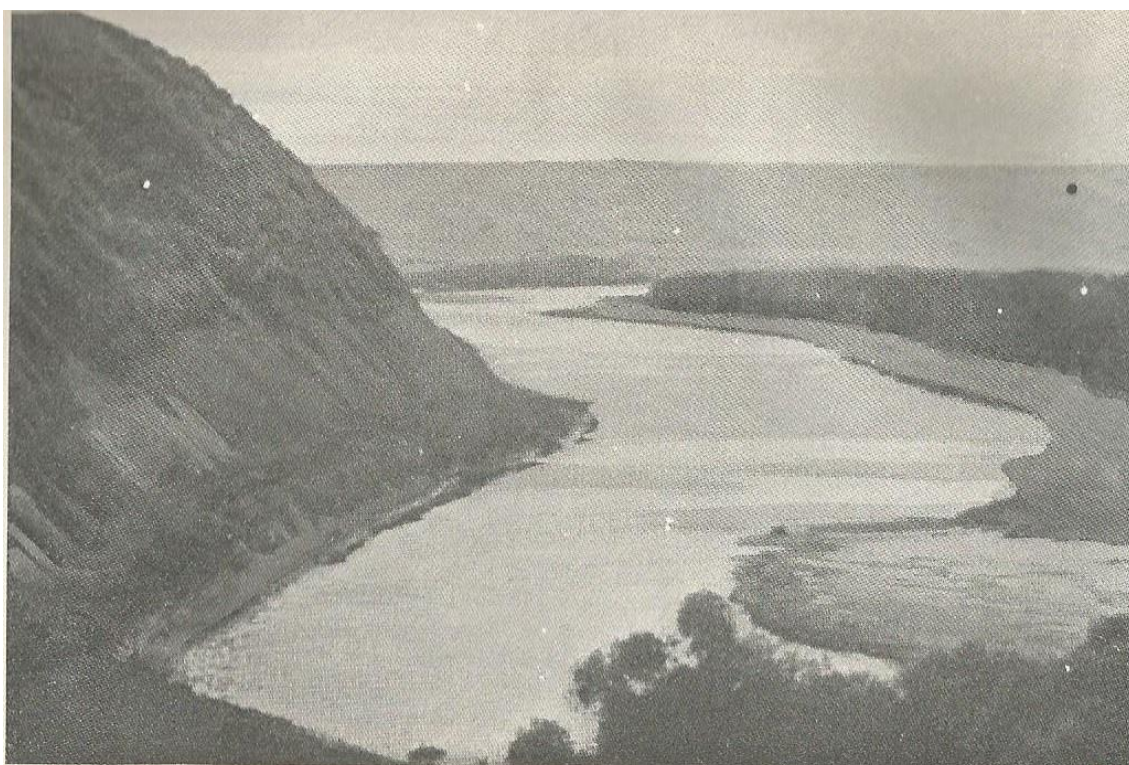


Rumo ao fronte russo. “Com um ranger de ferragens o comboio transpunha os vales e as extensas planícies.”

Uma *isba*, moradia típica de camponeses ucranianos.
“Os homens válidos estavam na guerra.”



IMAGENS N. 9 e 10: Atravessando a Europa Oriental em um trem de carga; Camponeses da região do rio Don. (Fonte: BEDESCHI, 1968).



“O Don corria, prateado e sonso, entre as duas linhas inimigas.” À esquerda, a primeira linha italiana; à direita, a russa.

Setembro de 1942. O Don e as posições russas vistas da primeira linha do setor da *Julia*.



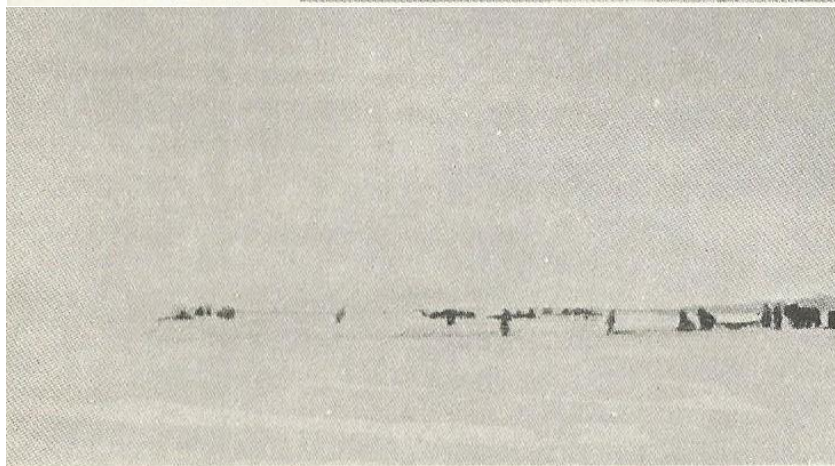
IMAGENS N. 11 e 12: O setor inicialmente guarnecido pela *Julia* durante o verão e outono de 1942; as margens do Don, onde os homens construíram abrigos estruturados, que não chegaram a utilizar durante o inverno, pois a divisão foi transferida para planície aberta em Ivanowka. (Fonte: BEDESCHI, 1968).



A neve de dezembro cobre os abrigos da *vinte e seis*, em Kuwschin.



Os transportes da *vinte e seis*: trenós puxados por mulas extenuadas.



19 de dezembro, Ivanowka. As peças da *vinte e seis* a postos para a extrema defesa.

IMAGENS N. 13, 14 e 15: acima: os abrigos estruturados que a *Julia* construirá durante o outono as margens do Don, ao norte; no centro: as mulas; e abaixo: na planície aberta em Ivanowka, para onde a divisão foi transferida às pressas, em dezembro de 1942. (Fonte: BEDESCHI, 1968).

20 de dezembro — 16 de janeiro, Novo-Kalitwa. Os canhões em bateria da *vinte e seis* apontam para a planície.



23 de dezembro — 16 de janeiro, Novo-Kalitwa. Trincheiras da primeira linha dos batalhões “*Tolmezzo*”, “*Cividale*” e “*Gemonna*”.



30 de dezembro, Novo-Kalitwa. Obuseiro de montanha, de 75/13, da *vinte e seis*, atingido pela artilharia russa. Estivera na Albânia.



IMAGENS N. 16, 17 e 18: Alpinos lutaram na planície; se entrincheiram; e também sofram baixas. (Fonte: BEDESCHI, 1968).

Janeiro de 1943, Novo-Kalitwa. Abrigos da vinte e seis na orla da *balka*. Dentro, -20° ; fora, -40° , o que já era uma vantagem.



— Como se chama esta aldeia? perguntou Serri.
— Golubaia Krintza.
— Bonito nome!



Bombardeio russo sôbre as *isbas* de Deresowatka.



IMAGENS N. 19, 20 e 21: Região de Ivanowka, onde a *Julia* atuou entrincheirada em valas, as *balkas*; e casebres locais, denominadas *isbas*. Fonte: BEDESCHI, 1968).

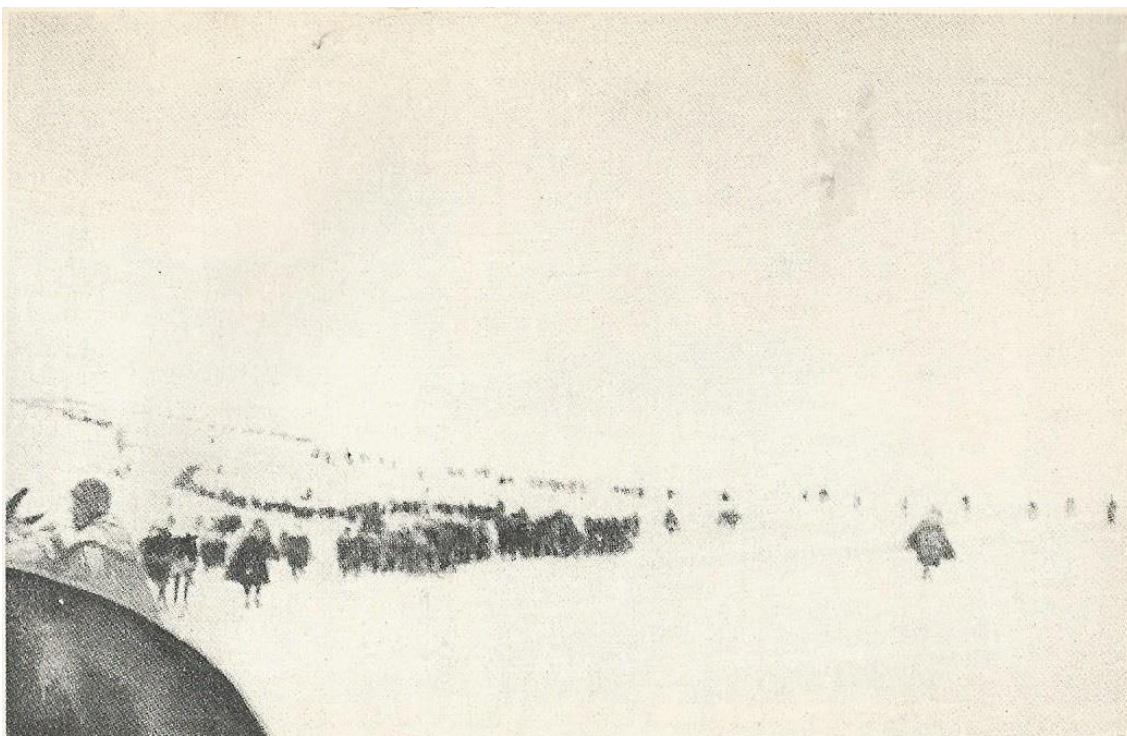


Novo-Kalitwa. Equipamento de inverno da tropa remanescente da 294.^a Divisão alemã, em operações no setor da *Julia*.

Dezembro, Novo-Kalitwa—Seleny-Iar. “O degêlo restituiria na primavera suas ossadas de desconhecidos.”



IMAGENS N. 22 e 23: Soldados alemães no setor da *Julia*, na região de Ivanowka, ainda havia um fronte. (Fonte: BEDESCHI, 1968).



24 de janeiro, em direção a Postoiali. "Serpente verde-cinza que se estendia por quilômetros na brancura da estepe."

24 de janeiro, Nikitowka. "A coluna avançada, implacável e compacta, levando consigo, impiedosamente, cada homem e sua dor, para esse destino misterioso e remoto: o ocidente."



IMAGENS N. 24 e 25: A marcha prosseguia e os bloqueios e ataques contínuos também, após uma semana de marcha pela estepe. (Fonte: BEDESCHI, 1968).



27 de janeiro. "Os homens dir-se-iam cegos e mudos; de vivos tinham apenas seu sofrimento."

IMAGEM N. 26: Aqui a coluna em retirada após oito dias de marcha pela planície congelada. (Fonte: BEDESCHI, 1968).



27 de janeiro, Novi-Oskol. “Ouvia-se também o arquejar das mulas e o ranger dos trenós.” (No trenó, um ferido da *vinte e seis*, todo enrolado. Será salvo.)

Janeiro de 1943, Seleny-Iar. “Eles preferiam trabalhar pacificamente em suas terras...”



IMAGENS N. 27 e 28: Alguns feridos conseguiam vagas em trenos, onde iam amontoados, outros, exaustos, caíam na neve para sempre. (Fonte: BEDESCHI, 1968).



Epílogo. Os doentes e os feridos em primeiro lugar.

Enfim, alguns voltam... Mas cem mil, não.



IMAGENS N. 29 e 30: O retorno à Itália, após semanas nos trens de carga. (Fonte: BEDESCHI, 1968).